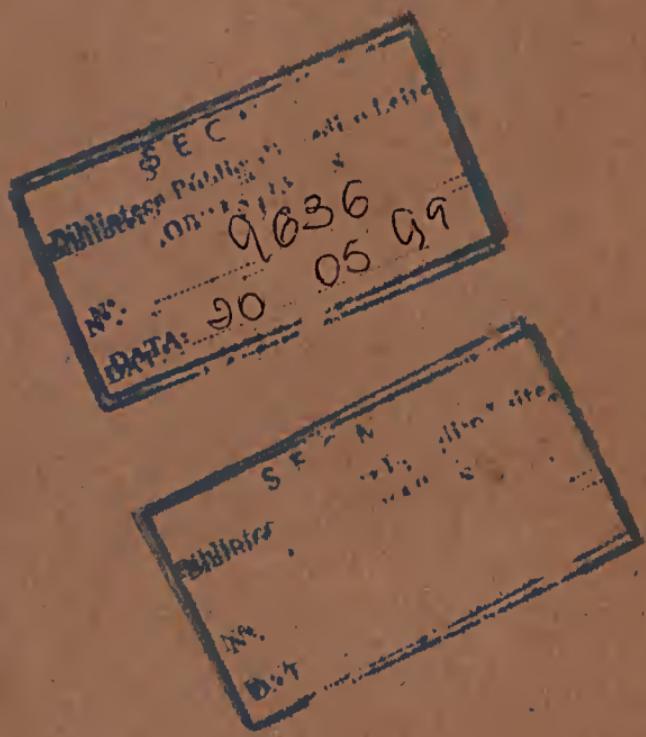


0032490/2003



L0000032493



A GLORIFICAÇÃO

D.E.

Odorico  
Mendes



Imp. Official

MARANHÃO

1913



*Manuel Odonico Mendy.*



D EPOIS de quarenta e nove annos de  
repoiso, senão esquecimento quasi total  
em plaga estranha, descansam, final-  
mente, hoje, na terra sacrosanta da Patria os  
despojos mortaes de Manuel Odorico Mendes  
—o filho que tanto a ennobreceu e amou.

Verdade é que conseguiu o dr. Antonio Henriques, incançavel sempre na glorificação dos nossos grandes homens, verdade é que conseguiu, como deputado provincial que era na Legislatura de 1867, que se decretasse a lei n. 807 daquelle anno e se consignasse, na do orçamento para 1868—1869, quantia para trasladarem-se d' Inglaterra e depositarem-se na Capella-mór da igreja de N. S. do Carmo os restos mortaes deste grande vulto das letras patrias, bem como os de Joaquim Gomes de Souza, ao lado dos de João Lisboa, que ahi se encontravam já, e aos quaes, mais tarde, vieram reunir-se tambem os de Sotero dos Reis.

E estava quasi a se realizar essa idéa, quando a enfermidade, de que infelizmente foi acomme'tido o illustre auctor do *Pantheon Maranhense*, impediu-o de frequentar a camara municipal, de que era membro, e dos mais conspicuos; e obrigou-o, mais tarde, a abandonar a patria, onde nunca mais voltou.

Cahida no olvido tão patriotica iniciativa, só agora, depois de tantos annos, conseguiu ella ser levada a effeito.

Em dias do anno passado, tendo noticia S. Exc. o Sr. Dr. Luiz Domingues, honrado Governador do Estado, de que se tratava de levantar, no Rio de Janeiro, uma subscrispção para repatriar os despojos do grande Maranhense, que se encontravam no cemiterio de Kensal Green, em Londres, onde, a 17 de agosto de 1864, havia elle falecido, para logo telegraphou ao sr. senador Urbano Santos, como chefe da nossa Representação nas duas casas do Parlamento, auctorisando-o a promover, por conta do Estado, a realização dessa grande aspiração nacional.

Dessa tão piedosa quanto honrosa comissão foi incumbido o nosso illustre conterraneo primeiro-tenente José Maria Magalhães de Almeida, que della se acaba de desempenhar com brilho, levando o requinte de sua gentileza ao ponto de acompanhar até a terra natal a urna que contém os preciosos despojos do grande Brazileiro.

Nasceu Odorico Mendes na casa sob n. 36, hoje placa 11, de seu avô materno, Manuel Correa de Faria, sita à rua Grande desta cidade, aos 24 de janeiro de 1799.

Oriundo de duas das mais antigas e ilustres famílias desta terra, descendia, por seu pae, o capitão mór Francisco Raymundo da Cunha, fazendeiro das margens do Itapecurú, de Antonio Teixeira de Mello, o heroico restaurador do Maranhão da dominação bátava; e, por sua mãe, d. Maria Raymunda Correa de Faria, de Thomaz Bequimão, irmão mais novo de Manuel Bequimão, o glorioso quanto desventurado chefe da malograda revolução de 1684.

Feitos aqui os seus primeiros preparatorios com a segurança e rigor que então presidiam no Maranhão ao estudo destas disciplinas, mandaram-n'o para Coimbra, cuja universidade era, como o foi até ha uns cincoenta annos atrás, quasi que o unico centro scientifico para onde convergiam as aspirações dos brazileiros com bens da fortuna, que os habilitassem a frequentar estudos superiores. Rarissimos eram os que, como o dr. José da Silva Maia, procuravam a França. Para alli, foram, e alli graduaram-se, em faculdades diversas: João Ignacio da Cunha, (mais tarde visconde de Alcantara) Antonio Pedro da Costa Ferreira (depois barão do Pindaré) Joaquim Vieira da Silva e Souza, frei Custodio Alves Serrão, Alexandre Theophilo de Carvalho Leal, João Duarte

Lisboa Serra, Antonio Rego, José Maria Faria de Mattos, Tolentino Augusto Machado, Antonio Gonçalves Dias, Pedro Nunes Leal, José Thomaz Ferreira do Amaral, Thomaz Ferreira do Amaral, João Francisco Correa Leal, Manuel Tavares da Silva (o arcediago), Joaquim Pereira Serva (conego) Antonio Marques Rodrigues, e tantos outros cujos nomes não nos ocorrem agora, todos maranhenses, notáveis todos por seus talentos e saber.

Dos primeiros dias de sua mocidade aqui, antes de sua partida para Coimbra, é aquele bello soneto, admiravel em quem apenas contava treze annos de idade, e que diz assim:

Despido em praça publica, amarrado,  
Jaz o misero escravo delinquente:  
Negro gigante de animo inclemente  
Na mão tem o azorrague levantado.

A rir em torno, um bando encarniçado  
Ao verdugo promete um bom presente,  
Se com braço mais duro ao padecente  
Rasgando for o corpo ensanguentado.

Homens, não vos assiste a menor pena  
Dos sentidos seus ais, d'angustia sua?  
Rides, perversos, d'esta horrivel scena!...

A sua obrigação, oh gente crua,  
Faz o recto juiz quando condenma;  
Tu, deplorando o réu, cumpres a tua.

Deu causa a este soneto o seguinte facto: passava um dia pelo largo do Carmo, hoje praça João Lisbôa, caminho da aula, quando deu de rosto com um escravo, a quem açoitavam no Pelourinho, em cumprimento de sentença judiciaria. Alguns mancebos empregados no commercio, que presenceavam o acto, mofavam do pobre suppliciado, respondendo com gargalhadas a seus afflictivos lamentos.

— Apesar de um verso errado e de outro frouxo, (diz o seu biographo) guardava o auctor esta poesia tal qual a escrevéra então, julgando uma profanação alterar essa reliquia de sua infancia.

---

Dirigindo se a Coimbra, era proposito de Odorico Mendes graduar-se na facultade de medicina daquelle Universidade; mas, ou porque lhe escasseassem meios, por fallecimento de seu pae adoptivo, ou por qualquer outro motivo que ignoramos, o certo é que regressou á patria antes do que esperava, tendo alli feito apenas o curso completo de philosophia natural, depois de haver estudado philosophia racional e moral e grego, e aportou ao Maranhão em 1.<sup>º</sup> de dezembro de 1824, só podendo, porém, desembarcar tres dias depois, por haver sido o navio em que vinha, aprisionado por lord Cochrane.

Foi alli, foi em Coimbra, com os seus

encantadores campos, com o sussurrante Mondego a espreguiçar-se por elles; foi nessa quadra tão placida e descuidada de sua vida, que Odorico compoz com todo o viço e ardor da mocidade.

Desse tempo, são quasi todas as composições suas desse genero, as quaes, por mal das letras, perderam se em uma das suas frequentes viagens do Maranhão para o Rio, quando, de passagem pela Bahia, esteve n'uma hospedaria, onde lhe roubaram a malêta que as encerrava.

Por mais diligencias que fez nunca poude rehavel-a. Pelo *Hymno (á tarde)*, que escapou desse lastimoso desastre, e que foi reimpresso em 1861 no «Parnaso Maranhense», pode-se fazer idéa do muito que perdeu a nossa nascente litteratura.

São dessa epocha, ainda, as suas relações com Almeida Garrett, Manuel Alves Branco e quasi todos dos mais notaveis engenhos que alli floriam, os quaes tão preeminente papel vieram a desempenhar, mais tarde, na politica e nas letras, aqui e em Portugal.

Em 1824 achava-se, pois, Odorico Mendes no Maranhão.

Em chegando aqui, vendo a imprensa de sua terra entregue a mãos mercenarias, comprehendeu que era chegado o momento supremo de agir, intervindo, por sua vez, no scenario politico da provincia.

Assim, desistindo do seu primeiro intento, que era—regressar a Portugal afim de completar o seu curso, fundou um jornal—«O Argos da Lei», e com elle arremessou-se denodadamente á liça, no ardor juvenil dos seus 25 annos, levando consigo, além de um cabedal scientifico e litterario bastante copioso, o espirito inflammado das idéas que trouxéra de Portugal, onde fôra contemporaneo do movimento liberal de 1820, e, mais que tudo, do desejo que o abrasava de ser util á terra em que nascera.

Assim, começou o «O Argos».

Doutrinario a principio, inserindo artigos de interessse publico e limitando-se á publicação de actos officiaes; mais tarde, coagido pelas circumstancias, isto é, acossado pelos ataques que, sem cessar, recebia d'«O Censor», advogado dos interesses portuguezes e infenso á independencia, mudou de rumo, e, perdida a primitiva linha e a precisa tranquillidade, degladiou com doestos e injurias, atacando a todos os portuguezes collectivamente. Alcançou, por isso, grande aurea entre os patriotas exaltados, ganhando em popularidade quanto perdéra em moderação.

Defendeu este jornal a administração do coronel, mais tarde brigadeiro Manuel Telles da Silva Lobo, presidente interino desta província; e em os seus ns. 21 e 23 deu razão a lord Cochrane, marquez do Maranhão, na celebre correspondencia trocada entre este e o

presidente Pedro José da Costa Barros, cuja administração violentamente atacou, do que resultou a deportação do mesmo Barros, dentro de 24 horas, para a província do Pará.

Difficil, se não temerario, é julgar os homens fóra do seu tempo, isto é, da época em que viveram.

Para que melhor se possa ajuizar do papel que desempenhou o «O Argos» no jornalismo da província, preciso se torna conhecer primeiro qual o meio em que teve elle de desenvolver a sua accão.

«O Maranhão (*diz escriptor da maior nota, contemporaneo de todos aquelles acontecimentos*) o Maranhão não havia escapado á sorte commum na crise da independencia; e, ainda que as perturbações que o affligiram então não chegassesem a tomar o carácter de uma revolta declarada contra a auctoridade do soberano, cuja voz, ao contrario, invocavam todos os bandos oppostos, não é menos certo que a guerra civil assolou a província durante dous annos, sem mais causas que as ambições pessoaes e de familia, que aspiravam a uma influencia exclusiva.

«A' chegada de Odorico Mendes, acabava de operar-se a pacificação material; mas a dos animos, profundamente irritados, era menos que apparente, e, para recomeçar a lucta, bem que em outro terreno e sob outro aspecto, só se aguardava a occasião, que não se fez esperar. Existiam, em germens, os elementos, de

# ARGOS DA LEI.

Nº 4.

Collection PROFESSOR ABARAL

Bons são leis, melhor é não fazê-las.

A. KORTINA.

SEXTA-FEIRA 7 DE JANEIRO DE 1823.

## VITÓRIOS DE OFÍCIO.

Do Presidente Interino do Desembargador André Gonçalves de Sousa.

*Illustrissimo Sr.*  
Chegando ao mto conhecimento o illegal presidente da ex-Presidência Provincial de Minas Gerais, Joaquim Antônio Viana Bezerra e c., compreendendo que os termos no extrato das negociações juntados, em a procura de dito Chanceler, resolvemos a officiá-lo que, quanto antes, devia continuar a exercer as mesmas funções que ate agora exerce, tornando de instantes effeito o ofício do dito ex-Presidente, do 27 de corrente, dirigido ao separadizo Chanceler; o que participo a V. S. e, para sua inteligencia.

Devo garantir a V. S. Maranhão, palácio do governo, 20 de dezembro de 1822, terceiro da independência e do império.

Manoel Telles da Silva Lobo, Vice-Presidente.

*Illustrissimo Sr. Desembargador André Gonçalves de Sousa.*

Da arriba do Desembargador Joaquim Antônio Viana Bezerra, Chamado da relação.

*Illustrissimo Sr.*

Chegando ao meu conhecimento o illegal presidente da ex-Presidência da província patrões V. S., em um tempo que a cesação das relações políticas urge um andamento das mesmas negociações, participo a V. S. que, tendo seu efeito o ofício dirigido a V. S. em data de 27 do corrente, deve V. S. imediatamente comunicar a exercer as funções do seu

emprego, que não deixam mais tempo dependendo o que serviu a V. S. de governo.

Devo garantir a V. S. Maranhão, palácio do governo, 20 de dezembro de 1822, 2º dia da independência e do império.

Manoel Telles da Silva Lobo, Vice-Presidente.

*Illustrissimo Sr. Desembargador Joaquim Antônio Viana Bezerra 1822.*

*do Desembargador André Gonçalves de Sousa.*

O Vice-Presidente da província, qual é o Desembargador Oliveira, que, em causa tempestiva, se separou do tempo, a presidência de 27 de novembro para tratar dos negócios militares, ficou, por sua liberdade, por occasião da morte do Alte da Cunha, declarada a justiça dos seus crimes, e por ordem de quem forto valores, bem como se puderem resguardar a respectiva prisão, assim o trivela.

Maranhão, palácio do governo, 27 de dezembro de 1822, 3º dia da independência e do império.—Lobo, Vice-Presidente.

*Listo dos presos que, por ordem do ex-Presidente Braga, foram tirados da cadeia de São Luís, de por occasião do ataque do Atirador da Gorreana, em 29 de julho de 1821.*

André José de Araújo, parão, preso por talvez crime que se lhe provou por em sucedâneo a que se procedeu no Ilapicuru-Mirim; Antonio da Silva Cunha, manante, preso por crime de morte e de muita falsa; o qual se lhe provou por não devassa a que se processou na villa da Tatuí.—Francisco Henrique, talvez preso pelos crimes de morte, robo e ferimento; o qual se lhe provou em nota devaria a que se processou nesta cidade.—Philippe

que, em breve, se haviam de organizar, por todo o imperio, os dous grandes partidos antagonicos.

«Solicitado pelos amigos e ainda pelo seu proprio patriotismo, Odorico Mendes não hesitou um momento, atirou-se á arena com toda a impetuosidade de uma alma juvenil, e escreveu o «O Argos da Lei», em opposição ao partido representando pelo o «O Amigo do Homem» e pelo «O Censor», ambos redigidos por escriptores nascidos em Portugal, como tambem o eram a maior parte dos seus adherentes.

«Esta circumstancia e a doutrina do predominio exclusivo da auctoridade, que pregavam sem rebuço, deu ao partido feições tão caracteristicas, que em breve se ficou conhecendo pelo nome de—partido portuguez ou absolutista.

«Fructo da inexperiencia de tirocinio politico e das illusões de um espirito novel, mas escripto em bom e vigoroso estylo, com raro talento e com todo o fogo de uma paixão sincera e fé ardente, o «O Argos da Lei» era um jornal evidentemente fadado ao triumpho.

«Assim, nas eleições feitas poucos mezes depois de sua apparição, o seu redactor era eleito deputado á primeira legislatura. O pensamento de voltar a Coimbra a concluir os seus estudos, desvaneceu-se lhe, como era natural, no meio destes successos».

Comquanto de pequena duração este jor-

nal, pois que apenas viveu o curto espaço de cinco mezes completos, grangeou, desde logo, para seu redactor, a maior popularidade, servindo ao mesmo tempo para revelar o espirito superior que, mais tarde, tão brilhante papel desempenharia nas letras e na politica do paiz.

Ha, desse tempo, na vida de Odorico Mendes, um facto que sobre maneira o honra, e é o seguinte : achava-se elle aqui na provin- cia, no intervallo da sessão legislativa de 1828, quando o presidente do Maranhão, m- rechal Manuel da Costa Pinto, mandou pren- der violentamente e assentar praça no Corpo de Artilharia a José Candido de Moraes e Silva, o redactor do «O Pharol», de quem disse Joaquim Serra (*Ignotus—Sessenta Annos de jornalismo—A imprensa no Maranhão —Rio de Janeiro 1820—1880*) «que os seus escriptos, bellas paginas de verdadeiro mere- cimento litterario, lembram os eloquentes, fogosos e patrioticos libellos de Camillo De- moulins».

Odorico não se poude conter; e, esposando a causa do perseguido, não só se dirigiu ao governo, representando contra esse seu acto, como tratou para logo de publicar um jornal, em defesa do denodado jornalista.

Chegando, porém, ao conhecimento de Costa Pinto a noticia do annuncio feito por Odorico Mendes, em 8 de agosto d'aquelle anno, da proxima publicação do seu jornal,

baixou ao director da Typographia Nacional, unica que então aqui existia, a seguinte portaria:

«N. 177—Em desempenho dos meus deveres como Presidente do Governo desta Província, ordeno que o Director da Typographia Nacional não admita ao prelo da mesma Typographia o jornal anunciado por Manoel Odorico Mendes no dia 8 do corrente mez; e assim o compra. Paço do Governo em 11 de Agosto de 1828—Pinto Presidente».

Não se conformando com esse acto do presidente, manifestamente attentatorio da Constituição, dirigiu-se-lhe Odorico nos seguintes termos:

«Illm. e Exmo. Sr. Presidente

Manuel Odorico Mendes, Deputado á Assembléa Legislativa, tendo anunciado que ia escrever hum Periodico, soube que V. Exc., por meio de huma portaria, tinha prohibido á Typographia, unica nesta cidade do Maranhão, imprimisse os escriptos assignados por elle; e, como se julga offendido, e pretende requerer contra V. Exc. a Sua Magestade O IMPERÁDOR, quer que V. Exc. lhe mande passar por certidão a copia da mesma portaria; portanto —P. a V. Exc. lh'a mande passar. E. R. M.

## PRIMEIRO DESPACHO

Assigne e reconhecido.—Paço do Governo 12 de Agosto 1828.—Pinto P.—*Manuel Odorico Mendes.*

## «SEGUNDO DESPACHO

Hum escriptor publico pode incorrer em criminalidade, e entre as diversas determinações da Ley de 2 de Outubro do 1823 se vê pelo artigo 25 que deve mesmo ser prezo no cazo do Artigo 6.<sup>º</sup> da mesma Ley. Pelo Título 4.<sup>º</sup> Cap. 1.<sup>º</sup> art. 27 da Constituição do Império, nenhum Deputado pode ser prezo por Auctoridade alguma, salvo por ordem da sua respectiva Camara. A' vista pois da Ley (*que conheço mui bem*) vejo que ella não podia especificar o cazo do Supplicante; porque de forma nenhuma o podia suppor arbitrariamente fóra de suas Augustas funções, como claramente se vê pelos Arts. 32 e 33, e de cujas alterações pode resultar, ou ficarem os direitos dos que forem offendidos sem o desempenho que a Ley lhes affiança, e cederem á vontade de hum particular; ou, a sustentar os primeiros, quebrar a Constituição do Imperio, visto poder o supplicante continuando no desprezo do que amésma Constituição delle exige, comprometter-se a perder aquella dignidade que lhe he propria: por tanto não ha que deferir. Paço do Governo 19 de Agosto de 1828.—Pinto. P.

N. B. Estavão reconhecidas a letra e assinaturas dos despachos e do requerimento».

Revoltado contra semelhante violencia, pois que, em virtude do art. 6.<sup>o</sup> das Instruções de 10 de junho de 1822, José Candido, como unico arrimo que era de uma tia e tres irmãs solteiras, não podia absolutamente ser recrutado; e, vendo mais, que, assim procedendo, tinha o presidente em mira fazer emmudecer, pelo terror, a voz unica que, com rara coragem, se levantava ainda na provincia contra os seus desmandos e prepotencias, não trepidou Odorico Mendes,—correu em auxilio de seu antigo companheiro de luctas e amigo, anunciando o proximo apparecimento de um novo periodico.

O que se passou então, ja ficou acima referido.

Ephemera foi, porém, a victoria do despotismo, porque ao governo violento de Costa Pinto sucedeu a sabia administração de Candido José de Araujo Vianna (fallecido marquez de Sapucahy) que restituuiu a paz á provincia e José Candido aos carinhos da familia e ao convivio dos amigos.

Firme no seu proposito, nesse mesmo anno, (1828) mais tarde, recorreu Odorico á typographia Torres, no Rio de Janeiro, e de lá fez sahir um numero avulso do projectado jornal o *O Despertador Constitucional*, que fez distribuir por toda a provincia.

Referindo-se nelle a uma proclamação do presidente, na qual vinha uns toques como para abater o espirito dos jurados, proclamação de que tambem lhe fôra dirigido um exemplar pela secretaria do Governo, entre outras coisas diz... «como se o sr. Manuel da Costa Pinto, fosse capaz de intimidar o coração do deputado Odorico Mendes ! »

Nobres e bellas palavras estas !

Alem do «O Argos da Lei», a passagem de Odorico Mendes pelo jornalismo maranhense é apenas assinalada por alguns numeros mais do «Constitucional,» que, de parceria com Sotero dos Reis, redigiu, de volta á provincia, em fins de 1831.

Neste, (no Constitucional) a individualidade politica e litteraria de Odorico melhor se accentúa já, tanto pela prudencia como pela forma castigada, de que se serviu para demonstrar suas idéas.

Aquelle que, mais tarde, na imprensa do Rio e S. Paulo, ao lado de Costa Carvalho, tão brilhantemente se havia de distinguir, na do Maranhão não deixou, por certo, diz com razão *Ignotus*, traços indeleveis, como esses que marcaram depois sua individualidade no parlamento, e, mais do que isso, no convivio com as musas gregas e latinas.

Entretanto, ufana-se, e com justa razão, o jornalismo maranhense de ter, entre os seus fundadores esse venerando mestre, tão glorioso nas luctas politicas do imperio, quão

respeitado aqui e em Portugal, como um dos mais abalisados cultores da lingua de Camões.

Exerceu, tambem, Odorico Mendes, de 28 de janeiro de 1825, data em que prestou jura-  
mento, a 30 de junho do mesmo anno, o logar  
de professor de rhetorica e poetica desta ci-  
dade, recebendo por isso a minguada impor-  
tancia de Rs. 187\$000.

---

Foi, no mais acceso das luctas do agitado anno de 1831, que Odorico fez a tradueçao da *Merope*, de Voltaire, tirando-lhe as provas typographicas entre as brevissimas pausas das frequentes conferencias com as principaes personagens da revolução de 7 de abril, e nos intervallos que lhe sobravam das discussões nos ajuntamentos populares No meio de tão estrondosos acontecimentos politicos foi que sahiu, da Typographia Nacional do Rio de Janeiro, esse trabalho, em um folheto de 86 paginas em formato 16.<sup>o</sup>, producção de certo informe pelos erros typographicos, de alguns dos quaes, diz Antonio Henriques, que detur-  
pam o sentido e contrariam as regras gram-  
maticaes; posto que a fidelidade da traducção,  
a vernaculidade da linguagem e a harmonia  
dos versos deixem esses senões, meramente  
materiaes e prevenidos em *errata*, postos á  
banda.

Dedicou-o á sua mãe, neste sentido e singular trecho :

«A ti, minha querida mãe, que me tens dado mil provas de ternura, que tens por mim padecido tantas penas, chorado tantas lagrimas, este saudoso filho te offerece a traducçao da *Merope*, da tragedia mais grata, mais suave aos corações maternas. Sei que, lendo estas palavras, teus olhos hão de banhar o meu pequeno livro: eis uma grande paga do meu trabalho.»

*M. O. M.*

---

Desgostoso das discordias que lavravam entre seus amigos, e, por outro lado, resentido da ingratidão dos conterraneos, retirou se Odorico Mendes, em 1834, com sua mãe e irmãos, para o Rio de Janeiro, não tornando jamais a ver a terra de seus amores, e por que sempre suspirou.

Começa aqui a segunda phase da sua existencia; novo e mais dilatado scenario se abre ao seu vigoroso talento.

Deu causa á sua mudança para a Capital do Imperio o seguinte facto:

Feita a scisão do partido liberal em moderados e exaltados, pertenceu aos primeiros; mas, prevalecendo na provincia os segundos, deixou de ser reeleito em 1833; e, embora fosse

chamado como supplente em 1834, na vaga do deputado Antonio Pedro da Costa Ferreira, (fallecido barão do Pindaré) escolhido senador, grande foi o desgosto que dahi lhe veiu, vendo tão mal galardoados por seus comprovincianos os serviços que, á custa de tantos sacrificios, prestára á causa publica.

No Rio, foi, na imprensa, com Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, Diogo Antonio Feijó e Costa Carvalho, fundador da *Astréa* e do *Pharol Paulistano*, e collaborador da *Aurora*, do *Jornal do Commercio*, do *Sete de Abril* e da *Liga Americana*, ou de tudo quanto então passava por bem escripto, e tinha importancia politica, accrescenta Sotero dos Reis.

Se concorreu para a revolução de 7 de Abril, grande foi a influencia benéfica que nella exerceu, empregando seus esforços para que não fossem perseguidos os vencidos, e pedindo tolerancia para com elles do alto da tribuna, com sacrificio de sua popularidade, porque a sua alma patriotica era tão nobre como generosa. E' fama constante que não quiz ser então regente e apresentou em seu logar o seu amigo e conterraneo, João Braulio Muniz, que foi nomeado.

Pois bem, (diremos agora com um dos seus biographos)— quem esquivou-se a fazer parte da regencia trina, indicando para substituir na lista, que triumphou, a João Braulio Muniz, seu amigo e comprovinciano; quem recu-

sou uma das pastas do primeiro ministerio organizado pela regencia, volveu, no entanto, pobre e contente à vida privada, e passaria por grandes privações se o não nomeassem inspector da thesouraria geral do Rio de Janeiro; mas ainda n'isto mostrou elle seus melindres de honestidade, porque, apezar de se acharem na suprema direcção dos negocios do Estado seus amigos e correligionarios, teve escrupulos de aceitar tão modesto cargo, e só assumiu seu exercicio quando soube que não fôra reeleito deputado; porque entendia que, para desempenhar esse mandato popular com toda a independencia, como para deixar, no publico, pleno convencimento de que dava seu voto com inteira liberdade e consciencia, devia assim proceder.

Que licção pouco vulgar encerram em si estes dois factos, e que sensivel contraste entre esse nobilissimo caracter e o dos pygmeus de nossos dias !

Quão distanciados que não estamos hoje d'aquellas épocas de severidade e de elevação moral !

---

Em 1847, abandonou Odorico Mendes, de todo, a vida politica (e aqui começa a terceira e ultima phase de sua vida) e sahiu do Rio de Janeiro, dirigindo-se a Paris, onde viveu qua-

torze annos da aposentadoria do seu emprego de fazenda, occupado nas suas traducções de Virgilio e Homero, e quasi que totalmente ignorado do Brazil, em cujos destinos tanta influencia exercerà outr'ora.

Alli, na grande Capital do mundo latino, foi testemunha dos extraordinarios acontecimentos que se sucederam desde 1848:—assistiu á proclamação da republica sobre as ruinas do throno de Luiz Felippe, aos delirios de junho e ao golpe de estado de 2 de dezembro de 1851.

Foi, por essa occasião, que compoz os tres seguintes e bellissimos sonetos, em que estygmatisava o procedimento de Napoleão III para com a Italia, sonetos por muito tempo ignorados e cujo conhecimento devemos ao incançavel dr. Antonio Henriques:

### O Trio da Guerra da Italia

#### SONETO I

Luiz Napoleão

Medroso ante a miserrima Veneza  
Depois que em Solferino triumphaste,  
A Italia, que accendeste, abandonaste;  
Infamia eterna, perfida baixeza !

A teu carro a Sardenha atada e presa !  
Com todo o continente a malquistaste,  
Austria illudiste, Roma atraiçoaste,  
E tens a Europa toda na incerteza.

Mentes ao Papa, mentes á Inglaterra,  
 Que já nos paroxismos da amisade  
 As queixas guarda e se apparelha á guerra.

Desprezas Bonaparte, a humanidade,  
 Volves do inferno, Luiz Onze, á terra...  
 Oh ! poço de fallacia e de maldade !

## SONETO II

Victorio Emmanuel

Ir soccorrer a nobre Italia escrava,  
 Subtrahil-a ao dominio do estrangeiro,  
 Era por certo, egregio cavalheiro,  
 A digna empreza que te mais honrava:

Cálculo vil, condescendencia ignara,  
 Murchar-te veiu os louros de guerreiro,  
 Succumbiste ás astacias do Embustoiro,  
 Que a principes e a povos enganára

Empeçonhado o copo da victoria,  
 Nos horisontes do porvir te cegas;  
 Ella caminha a cercear-te a gloria.

Hoje ao Demonio vida e alma entregas;  
 Surdo aos pregões da velha ou fresca historia,  
 O heroico amigo e teus avós renegas.

## SONETO III

Garibaldi

Do Saboyano e Garibaldi ao grito  
 A Italia ergue-se: o heroe ia adiante,  
 O rei, com braço e intrepidez pujante,  
 De arduos perigos resurgia invicto.

Se um era baluarte no conflicto,  
 O outro marchava—estrella fulgurante;  
 A italiana mocidade ovante  
 Na patria e n'elle tinha sempre o fito !

Mas ai ! fiel nizeno malogrado !  
 Em Niza perdes quanto havias ganho:  
 Que pezadumes te amonta o fado !

Da honra em paga e de valor tamanho,  
 Vai ser da Italia o nome teu riscado,  
 Ou no paiz natal serás estranho !

Com quanto não tivesse Odorico Mendes  
 dado á luz estes seus sonetos, e se houvesse  
 apenas limitado a lel-los em roda de amigos,  
 delles teve conhecimento a policia de Napo-  
 leão; tanto que, um dia, sem que menos o es-  
 perasse elle, foi advertido por um commissá-  
 rio de que se comedisse, a menos que não quiz-  
 esse passar por algum vexame.

Foi, ainda, durante a sua estadía em Pa-  
 ris que publicou, em 1854, a traducción da

*Eneida*, que já o preocupava desde o Rio de Janeiro, cujos versos (os da *Eneida*) «à medida que eu os ia passando, diz elle, me transportavam ao tempo em que, aprendendo o latim, sob o meu saudoso amigo fr. Ignacio Caetano de Vilhena Ribeiro, vivi na patria com os condiscipulos, sem cuidados nem disabores».

Em 1858 deu á luz, ainda em Paris, á traducçao de todas as obras de Virgilio, com o patriotico titulo de *Virgilio Brazileiro*. E' um volume em 8º grande, com 800 paginas, impresso n'aquelle cidade, na typographia de W. Remquet & C.ª, rua Garancière, 5.

Era Virgilio o seu poeta querido, e a maior aspiração de Odorico visitar-lhe, um dia, o tumulo e nelle depor uma corôa de flôres em testemunho da sua maior admiração.

Receiendo, porém, que, por qualquer motivo, tal coisa se não chegasse a realizar, faz, nessa obra, o seguinte tocante appêlo a seus filhos:

«Junto ao Pausilypo, nos arredores daquelle amenissima cidade, os Napolitanos ostentam hoje com orgulho o tumulo do poeta que os honrou tanto, assombrado pouco ha por um loureiro, que os visitantes, á sua passagem por alli, desfalcavam de seus ramos, e o fizeram perecer. Desejos tenho tambem de contemplar tam saudoso monumento. Se os contratempos da vida me não permittirem, se morro antes de satisfazer este gosto, peço

# VIRGILIO BRAZILEIRO

OU

TRADUÇÃO DO POETA LATINO

POR

MANUEL ODORICO MENDES

DA CIDADE DE S. LUIZ DO MARANHÃO.

---

PARIS

NA TYPOGRAPHIA DE W. REMQUET E C<sup>A</sup>,

rue Garancière, n. 5.

1858



daqui a qualquer dos meus filhos, que lá forem, não se esqueça de depor sobre elle uma capella de flores, recordando-se de que seu pae só durará na memoria dos nossos concidadãos ainda uns annos depois da sepultura, abrigado sob as azas de tam sublime escriptor.»

Em principios de janeiro de 1861, a conselhos medicos, emprehendeu uma viagem a Italia, elegendo, para sua residencia habitual, Pisa, onde começou a passar tão bem, que metteu peito a commettimento muito maior, como fosse a trasladação, para vernaculo, dos poemas de Homero, em cuja lingua era tão versado como na latina.

Trabalhava Odorico, n'esta obra, diz amigo seu, como o operario que traz contado o tempo da empreitada; e, curvado á mesa de estudo desde ás seis horas da manhã, e, no verão, muito mais cedo, só a abandonava ás oito e nove horas da noite.

A irmã, a sra. d. Militina, sua desvelada e inseparavel companheira, que, por vezes, lhe observára, que trabalho tão pesado era mais que superior ás suas forças e idade, objectava sempre o nosso poeta: «Não me importa que me faça mal, com tanto que eu acabe o Homero!»

Era a Italia o paiz de seus sonrios. Visitou Roma, onde se demorou quarenta e oito dias; d'ahi se dirigiu a Nápoles. Levava-o á esta cidade o tumulo de Virgilio, tanto que, em chegando ahi, foi logo ao Pausilypo onde de-

positou uma corôa, indo, em seguida, visitar todos os sitios cantados pelo seu poeta querido.

Estava realizada a suprema aspiração de toda a sua vida !

D'ahi, foi a Herculano e Pompeia, foi a Puzzolo, donde regressou a Pisa, afim de dar a ultima demão á sua traducçao. Acabada a *Illiada*, nos primeiros dias de janeiro de 1863 deu logo começo á *Odysséa*, que só veiu a concluir no anno seguinte, sendo esse dia festejado pela familia.

Antes de deixar para sempre a Italia, foi á Genova, d'ahi á Bolonha e á Ferrara, em homenagem a Tasso e a Ariosto, e desta ultima cidade á Venceza. Passou-se depois á Mantua, no proposito de ver o logar onde nascera Virgilio. Lá bebeu agua de um regato que julgou ser o decantado pelo poeta e trouxe do campo algumas flôres silvestres. Foi Milão a ultima cidade italiana onde esteve.

Pensou Odorico Mendes, tambem, na Grecia, ou ao menos naquelle parte da Troade onde figura Homero passadas as acções de seus heroes, e, para esse fim, solicitou do governo de seu paiz o logar de encarregado de negocios de Constantinopla; mas deram-lhe o consulado com 4:000\$000 de reis fracos que, reunidos aos minguados vencimentos de sua aposentadoria, perfaziam 6:400\$000 da nossa moeda; e, assim, com tão mesquinha quantia, desistiu desse seu intento.

Em 7 de agosto de 1864 chegava Odorico Mendes á capital da Inglaterra, com o propósito de partir de novo para a França no dia 19 desse mesmo mes.

Foi a 17 passar o dia com o sr. Alexandre Reid, seu antigo conhecido do Rio de Janeiro, á casa deste em Norwood, perto do Palacio de Crystal. Ao jantar, a que tambem estiveram presentes sua irmã e o sr. Ribeiro Saraiva, antigo condiscípulo seu de Coimbra que residia em Londres, mostrou se satisfeito e de muito bom humor, mantendo á mesa a reputação de bom conversador, que era, com reparos e ditos chistosos, e com anedoctas não menos engracadas.

A's 7 horas da tarde partiram enfim os convivas para a estação do caminho de ferro de Croydon, que era obra de duzentos passos da residencia do sr. A. Reid.

No trajecto entrou Odorico Mendes a queixar-se de suffocação no peito, symptom que desapparecera em quanto viveu na Italia; mas que, depois que se tornara a Paris, voltou, e, por ultimo, com alguma frequencia.

Descansou um pouco, seguindo depois para a estação, onde se enfiou com certa precipitação no primeiro trem, sem se embaraçar com ser esse de terceira classe, quando o bilhete de retorno designava um de primeira, tão commodo e agasalhado como o é na Inglaterra. E' que o mal se lhe ia aggravando e já lhe não dava tempo para mais demora !

Em toda a jornada (diz um dos seus biographos de quem colhemos estas informações e que pessoalmente as ouviu de pessoa da familia de Odorico Mendes) em toda a jornada foi sempre gemendo e expectorando; e, perguntando-lhe d. Militina (sua irmã) se lhe doia o peito, redarguiu impaciente: *dóe me tudo*, e foram estas suas ultimas palavras !

D'ahi a pouco, seriam 8 horas, chegou o comboio ao seu termo, e indo ajudar-se Odorico a descer do trem, acharam-n'o encostado, como se dormisse.

Voára a alma serena e sem mácula aos pés do Creador, tal como o desejara no seu *Hymno à tarde*:

«Venha que acha os despojos do homem justo».

Longe, bem longe dos arreboés de sua terra, lá nas brumosas campinas transatlanticas, tombou o velho peregrino, o venerando proscripto da patria de Gonçalves Dias.

Estalara-se melancolicamente a corda harmoniosa da harpa inspirada do Virgilio christão ! Os sons angelicos de seu ultimo lamento foram reboando, de echo em echo, desde as planicies verdejantes da antiga Lavino e por sobre o ceruleo azul da vaga ionia, até os saudosissimos campos de Dardania.



E' esta a photographia da sepultura de que foram extrahidos no cemiterio Kensal-Green os restos mortaes de Odorico Mendes.

Chamado ás pressas o medico, confirmou que Odorico estava morto, verificando-se, pelo inquerito e exame a que se procedêra, que fôra causa efficiente daquelle triste desfecho—lesão organica do coração.

Só a muito custo e depois de duas horas de objurgatorias e mui cordatas demonstrações da parte do sr. Saraiva, e da familia de nosso secretario da legação, em Londres, o sr. Aguiar d'Andrade, foi que a sra. d. Militina se apartou do corpo do extremoso irmão, que lhe fôra pae, e de quem nunca se separára desde 1824.

Na manhã do dia 20 seguiu o feretro, acompanhado do dr. Cros, genro de Odorico, da sra. d. Militina e de todos os brazileiros e portuguezes, residentes então em Londres. Fez-se o enterro no cemiterio catholico de *Kensal Green*, pondo-se, á cabeceira e aos pés do jazigo, lapidas mortuarias com esta inscripção:

MANUEL ODORICO MENDES

NASCEU EM

S. LUIZ DO MARANHÃO

A

24 DE JANEIRO DE 1799:

MORREU EM LONDRES

A

17 DE AGOSTO DE 1864.

SOB OS TITULOS DE  
VIRGILIO BRAZILEIRO  
E  
HOMERO BRAZILEIRO  
TRADUZIU EM VERSO PORTUGUEZ  
Os DOUS GRANDES POETAS.

---

Nascido em 1799, é Odorico Mendes, na ordem chronologica, o chefe dessa brilhante e gloria pleiade de vultos de que, a justo titulo, tanto se desvanece e orgulha a Athenas Brazileira.

Politico, jornalista, e poeta, elle o foi, e de maneira notavel.

— Politico, seu nome, como muito bem o disse o dr. Joaquim Manuel de Macedo, «não se pode jamais riscar da nossa historia, que saberá proclamar a pureza de suas intenções, a inabalavel firmeza de seus principios, e ha de resumir o seu elogio, chamando-o—o Dupont de l' Eure do Brasil». *Rev. Trim.* tom. XXVI, 2.<sup>a</sup> parte, pag. 426.

Chegado ao Rio, alistou-se Odorico Mendes na phalange liberal e inscreveu o seu nome a par dos de Evaristo, Paula Souza, Vergueiro, Feijó, Vasconcellos, Carneiro

Leão, Limpo de Abreu, Costa Carvalho e tantos outros que, na tribuna como no jornalismo, começaram, desde então, aquella oposição vigorosa e incessante que só devia ter fim com a revolução de 7 de abril.

Sem ser orador de primeira ordem, no sentido de fazer longas e bem ordenadas orações, nos curtos improvisos era Odorico Mendes sempre feliz; e, se a occasião e o assumpto o inspiravam, não raro attingia á mais alta eloquencia.

São exclusivamente suas, de sua iniciativa unica:—a lei da abolição dos morgados e a da primeira reforma eleitoral que teve o Imperio, não contando innumerias outras para que cooperou, discutindo-as ou emendando-as.

Adversario intransigente do gabinete de 20 de novembro de 1827, de que era chefe Pedro de Araujo Lima, (fallecido marquez de Olinda) assignou, com Moura e Limpo de Abreu, parecer, julgando procedente a accusação ao ex-ministro da guerra José Clemente Pereira, por ter mandado proceder ao recrutamento em varias provincias do imperio, e ter comprado armamento ao inglez Guilherme Jonge, parecer que foi discutido em 26 e 27 de julho e em 5 de agosto, em que foi aprovado, sendo a 20 eleita a commissão para apresentar no senado a accusação.

De todas, porém, as mais tempestuosas foram as sessões de 1829.

O ministerio foi accusado na camara dos

deputados e, Odorico Mendes, com a galhardia e o denodo do costume, foi o primeiro a ferir a batalha, e, de maneira se houve nesta memoravel discussão que mereceu a honra de uma interpellação directa do monarca, a qual merece ser aqui referida, pois que, sobre curiosa em si, bem pinta a tempora dos caracteres, e os meneios e costumes politicos do tempo: Finda a sessão foi Odorico despedir-se do imperador, que, em publica audiencia, e na presença das deputações das camaras e de toda a corte, lhe disse inesperadamente, alludindo sem dúvida á parte vigorosa que elle tomára na accusação: «*Senhor Odorico não seja tão inimigo dos meus ministros.*» *Senhor,* respondeu-lhe incontinente o deputado liberal, *eu lhe sou um subdito muito fiel, mas quanto ás minhas opiniões hei de sempre exprimir-as segundo a minha consciencia, e para isso é que me cù mandaram.*»

O imperador, com todos os seus defeitos, tinha rasgos generosos e cavalheirescos amava a franqueza; e é fama que a do corajoso representante do Maranhão lhe não desagradaou.

O ministerio, todavia, conseguiu escapar ao processo de responsabilidade, mas a victoria moral da opposição foi tão completa que o governo imperial ficou de todo arruinado na opinião publica.

Isto se passava, como já vimos, em 1829. No anno seguinte a revolução de julho na

França veiu precipitar a crise, que fez a sua explosão final em 7 de abril de 1831.

— «Era daquella pleiade de liberaes que salvaram o Imperio em 1831, (accrescenta Manoel de Araujo Porto Alegre) composta de Evaristo da Veiga, Paula Souza, Vergueiro, Costa Carvalho (visconde de Mont' Alegre), Limpo de Abreu (marquez de Abaeté), Feijó, Vasconcellos, Rodrigues Torres (visconde d'Itaborahy) e outros. O caracter sincero e brando de Odorico nunca o desviou das raias de uma oposição grave e respeitosa para com o governo, porque era a doutrina que elle pregava no *Pharol Paulistano*, jornal fundado por Costa Carvalho, em S. Paulo, e a politica seguida pelo grande Evaristo na sua *Aurora Fluminense*».

«Por esses tempos se fundara no Brasil a *Sociedade das Columnas*, que tinha chefes em todas as provincias, e aspirava o restabelecimento do governo absoluto, governo desejado por todos os inimigos da independencia, com quem pelejava a oposição, e Odorico, fortemente, com a penna e a palavra».

«Foi, depois da *noute das garrafadas*, na rua da Quitanda, e á vista dos sangue derramado pelos portuguezes, que se achavam reunidos em um sobrado, e prohibiam o toque do hymno da independencia ao coreto que os patriotas tinham armado em frente a casa de um tal Viauna, que o nosso Odorico se manifestou ardente e implacavel oposicionista.

Foi elle quem redigiu a representação que fizeram os deputados que estavam no Rio, vendo a inercia da policia a respeito do crime».

«Seguiu-se a abdicação, e foi Odorico, ainda, quem levantou a voz a favor dos portuguezes, bradando á tropa e povo no campo de Sant'Anna: *Moderação, senhores, moderação; são nossos irmãos!* D'estas palavras tiraram os anarquistas a alcunha de *Moderados* aos que não queriam sangue, nem violencias, cabendo ao partido liberal, desde então, o nome de *Moderado*, que elle aceitou, como honra e gloria, ficando senhor da situação».

«Nas combinações que se fizeram para a nomeação da regencia permanente, apareceu com grande maioria o nome de Odorico; mas elle o desviou, porque era pobre e consciencioso, propondo em seu logar João Braulio Munis, seu conterraneo e amigo, e homem de extrema moderação».

—Jornalista, como todos os homens que, no primeiro e segundo reinado, aspiravam á carreira politica, começou Odorico Mendes seu tirocínio pela imprensa.

No Maranhão, foi, em 1825, segundo já vimos, o fundador d'«O Argos da Lei», jornal que, se lhe grantgeou vasta popularidade, accarretou-lhe tambem não pequenos desgostos;

e collaborou com Sotero dos Reis no «Constitucional».

Mudando-se para o Rio, ou antes mesmo de fixar residencia na Capital do Imperio, fundou com Vergueiro, Feijó e Costa Carvalho a «Astréa» e o «Pharol Paulistano»; colaborou na «Aurora», do famoso patriota Evaristo da Veiga; no «Jornal do Commercio», no «Sete de Abril» e na «Liga Americana».

Alem disso, publicou no «Iris», periodico de que era redactor José Maria da Silva Parénhos, o mais tarde immortal visconde do Ric-Branco, uma serie de artigos em refutação ás calumnias assacadas contra o nosso Paiz, e escriptas pelo conde de Susenet, sob o pseudonymo de Chavannes, na *Revue des Deux Mondes*, onde era vilmente açoitada a nossa reputação de povo civilizado.

Foram estes artigos reproduzidos no «Correio Mercantil», e procurados e lidos com avidez e aplauso em todo o Paiz.

—Poéta, produziu o *Virgilio e o Homero Brazileiro*, traduziu a *Merope* e o *Tancredo*, de Voltaire. São de sua pena — *O Hymno á tarde*; *O Sonho*, impresso pela primeira vez no Rio de Janeiro, e reimpresso depois em diversas collectões, já com este titulo, já com o de *A Morte*, como se acha no *Parnaso Maranhense*; e o *Meu Retiro*, dedicado ao seu amigo o conselheiro Ernesto Ferreira França, e publicado na *Minerva Brasiliense*.

Conhecem-se mais, delle, aquella—*Ode A S. M. o Sr. D. Pedro II no dia 2 de Dezembro de 1839*, que não chegou a ser recitada na récita de grande gala do theatro de S. Pedro, por taxarem-n'a os cortezãos da época, de nimiamente democrática; e uma infinitude de primorosos e bellissimos sonetos, d'entre os quaes merecem aqui especial destaque: o dedicado ao seu grande amigo Paulo Barbosa e á sua esposa; e o que offereceu ao celebre maestro Rossini, de quem era amigo e admirador, por occasião de mimoseal-o com um exemplar do seu Virgilio, e que diz assim:

Vejo-te, não me illude a phantasia  
 No Empyreo entrando, e pela mão saudosa  
 Teu Bellini a guiar-te radiosso  
 Ao Creador eterno da harmonia.

Nos anjos logo excitas alegria,  
 No severo Moysés intimo goso,  
 Tu que, sublime, terno e religioso,  
 Nos inspiraste as maguas de Maria.

Fitando a mãe, o Redemptor exclama:  
 Este em sagrado musico se eleja,  
 Pois a mulher cantou que Deus mais ama;

Elle os meus córos alternados reja;  
 Elle desprezo a vil terrena fama:  
 Juncto ao propheta—rei seu posto seja.

Até aqui, o politico, o jornalista, o poeta. Deve ainda a litteratura portugueza a Odorico Mendes um grande serviço: — foi elle quem reivindicou, para Portugal e para Francisco de Moraes, os direitos de nacionalidade da *Chronica do Palmeirim de Inglaterra*, que a posteridade lhes tinha até então negado, dando a obra, como de origem hespanhola; e seu legitimo auctor, como um mero traductor della.

Ardente entusiasta e incançável investigador da litteratura portugueza, tanto com ella se familiarisára Odorico que no seu longo e assiduo manusear clássicos (diz um dos seus biographos) imitava, como recreio, mas com toda a propriedade, o estylo e dossaires de qualquer dos escriptores da idade aurea da lingua portugueza. Sua erudição era verdadeiramente pasmosa. Dos principaes poetas portuguezes, com especialidade de Ferreira, Camões, e Francisco Manoel, que eram os seus auctores favoritos, dizem que sabia de cor quasi tudo, e costumava recitar extensas passagens do que de melhor produziram.

Mas, de tudo isso, nada o maravilhava tanto como o poema de Moraes. Quanto mais o lia, mais se convencia de que era de origem portugueza, e, assim, não descançou no proposito de restituir ao escriptor portuguez a herança de que fôra defraudado, ia já em tantos annos! E, de feito, o conseguiu, sem que possa ficar a quem ler attentamente o *Opusculo acerca do Palmeirim de Inglaterra e do seu auctor*, (fo-

lheto em 8.º com 79 paginas, impresso em Lisboa, em 1860, na typographia d' *O Panorama*) a mais leve sombra de duvida, de que Moraes é o legitimo auctor da *Chronica do Palmeirim*.

Por elle, se conhece o amor e profundeza com que perqueriu tão intrincado e obscuro assumpto. Não menos para admirar é a logica e apurada critica com que illumina e resolve os pontos contestes, destrinçando todas as duvidas, e de modo a deixar nos inteira convicção da paternidade d'essa primorosa obra de cavallaria.

Rematando estes ligeiros apontamentos, diremos com Manuel de Araujo Porto Alegre: «Odorico era de pequena estatura, tinha a fronte larga, o nariz meio adunco e grosso, a bocca engracada e regular, o olhar vivo, a voz sonora, o fallar ligeiramente cicioso, e o corpo cheio, mas não deformé. Caminhava com nobreza e rapidez, e vestia-se com muita simplicidade e limpeza. Era engracado, tinha dictos agudos, e amava a conversação boa e a boa mesa. A sua probidade era igual á sua firmeza de caracter. Tudo n'elle era natural e espontaneo.

Odorico não sabia o que era mentira, odio nem inveja».

A esse perfil tão bem acabado podemos acrescentar, ainda, que era Odorico Mendes bastante trigueiro, tanto assim que, um dia, perguntando Pedro I ao senador visconde de

Alcantara :—«Este seu comprovinciano é mulato ?

—Não, senhor, obtemperou o visconde. Pelo lado paterno é meu sobrinho; portanto de origem hespanhola, e sua mãe descendia de uma das mais illustres familias da provincia».

Esses costumes tão puros e singelos, esses desejos e aspirações modestissimas, como nol'os acaba de descrever o auctor das *Brasilianas*, que teve a ventura do convivio intimo de Odorico Mendes, nunca se lhe desmudaram, quer no fogo da mocidade, effervescencia e tumultuar da vida publica, ainda nas epochas mais tempestuosas della; quer mais tarde, na velhice, no fóco e requinte da civilisação europea.

Assim foi Odorico Mendes !

Traçando-lhe a biographia na *Revista Contemporanea de Portugal*, João Lisboa que, nunca, em toda a sua vida, jamais se deixou arrastar por considerações e respeitos humanos para violar a verdade, austero sempre, mas que o conhecia muito de perto, referindo-se ao seu caracter, assim se exprime: «Os companheiros de Odorico nas luctas do primeiro reinado chegaram todos, ou quasi todos ás maiores honras e ás mais elevadas posicões politicas e sociaes. Alguns as deveram sem du-

vida aos seus talentos fóra do commun; outros, á destreza e habilidade com que souberam manobrar no mar incerto em que navegam. Mais inflexivel ou menos habil no caminho que preferiu, Odorico Mendes tem visto, sem pesar, todas essas grandezas que lhe não couberam em sorte, pago, e satisfeito de haver atravessado a vida, conservando-a immaculada até da menor suspeita que lhe pudesse levemente marear o lustre».

«Homem moldado á antiga, (accrescenta ainda o nosso insigne historiador) sua velhice socegada e digna passa-se na pratica de todas as virtudes e na effusão dos sentimentos de amisade, indulgencia e brandura, que sempre caracterisaram a sua alma affectuosa».

«Essa placidez, porém, nem é inerte e egoista, nem esteril. Se a occasião se lhe depara, e as idéas, e as palavras, e os successos vibram as cordas que tocam no amor da patria e da liberdade, ou no odio do crime e do vicio, vel-o-heis inflamar-se como nos dias da primeira mocidade e das grandes luctas».

---

Isto quanto ao homem, como politico. Vejamos agora o que, do litterato, dizem os mais competentes.

Da versão da *Eneida*, diz Ferdinand Wolf, á pag. 196 do seu *Brésil Littéraire*, que «é a

*melhor traducçao portugueza do poema latino».*

O conselheiro Antonio José Viale, o erudito latinista e hellenista portuguez, tão conhecido e acatado aqui como em Portugal, e que, no seu tempo, passou, e com justa razão, como muito sabido no conhecimento das litteraturas classicas, assim se expressa em um parecer citado por João Lisboa:

«De quantas versões poeticas eu conheço, nenhuma faz vantagem a esta em fidelidade; e nenhuma, talvez, a iguala em concisão».

«Que direi (accrescenta ainda o notabilissimo professor) da pureza, propriedade e cópia da *Bucolica*, *Georgica*, e *Eneida* portugueza do sabio poeta brasileiro e das excellentes notas de que são seguidas?»

«Estou persuadido de que, na sua leitura, *muito aprenderão os mais eruditos philólogos das duas nações* que fallam a mesma lingua «com pouca corrupção» quasi latina. Pela minha parte, em beneficio dos meus alumnos no curso superior de letras, nas minhas prelecções associarei frequentes vezes ao nome immortal do grande vate romano o illustre nome do eximio traductor brasileiro, puderando-lhes o *muito que lhes devem os cultores das musas e os estudosos amadores da litteratura nacional*».

Não inferior a este é o juizo de Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, contemporaneo de Odorico, e distinctissimo professor de

poetica e de litteraturá classica no Lyceu de Coimbra:

«Nesta aprazivel traducçao (diz elle) achei fielmente trasladados em a nossa lingua os conceitos, as paixões e os sentimentos do épi-co latino, e, sem diminuição nem accrescimento postas as suas mesmas imagens, e ainda as das suas figuras. Bem sabia o sr. Odorico Mendes, que o verdadeiro traductor não deve ser paraphrasta, senão fiel copiador e retratista—*fidus interpres*.—Alli apareceram, postos em luz clara, varios passos da *Eneida*, onde illustres commentadores não haviam atinado com o genuino sentido, mas que o exímio traductor pôde alcançar».

Foi Odorico Mendes accusado, para satisfazer a exigencias da traducçao, de introduzir na lingua palavras novas.

Em nada, porém, desmerece nem deslustra isto o altissimo valor de sua obra.

«Em forjar palavras novas (é o proprio Cardoso de Figueiredo quem o diz) alguem quisera que tão bom traductor fosse mais sóbrio. *Dubitetur licentia sumpta pudenter*.

«Quem souber todavia que, só nos *Luzias*, Camões introduzira duzentas palavras latinas, e que, depois delle, em todas as éras, quasi todos os bons poetas as foram innovando, não estranhará tanto a sobejidão dos neologismos em todas as paginas desta traducçao.....

.....

..... Puristas haverá de sentir menos conforme ao meu. Embora. Outros sentirão comigo. *Grande serviço*, que á nossa litteratura fez o traductor. Longe de mim (accrescenta elle) o rebaixar as traducções que já possuimos de Virgilio, inteiras ou em fragmentos, como essa do canto IV da *Eneida*, admiravelmente traduzido por Manuel Matthias; mas, das traducções completas, é opinião minha, e não só minha, senão de dois respeitaveis litteratos, que *esta traducção a todas leva a palma*.

Referindo-se ás traducções de Odorico, disse o Instituto Historico Geographico Brasileiro, pela auctorizada e eloquente bocca do dr. Joaquim Manuel de Macedo:

«Não ha duas opiniões, especialmente sobre a *Eneida*, que é considerada por todos os litteratos e criticos, os mais respeitaveis, como a mais fiel e perfeita de quantas têm feito Virgilio fallar a lingua de Camões».

E, para fechar com chave de oiro, aqui damos em seguida o extracto de uma carta do grande cantor dos Timbyras ao seu amigo Antonio Henriques, datada de Paris, em 5 de outubro de 1863:

.....

«Odorico está de volta da Italia. Forte, bem disposto, robusto, engorda com o trabalho. Os livros são a sua distracção; a poesia lhe aformosêa o verdor de uma velhice robusta e productiva. E' o pôr do sol de um bello

dia. Não o vejo sem que me recordem os versos de Horacio, que parecem escriptos para elle: no commercio das musas passo a velhice não ingloria. *Nec turpem senectam deget me cythara carentem.*

«A Illiada está completa,—a Odysséa no ultimo canto. Quando receberes esta, estarão já concluidos os dois poemas, e a litteratura brazileira se poderá com razão afamar de mais dois primores.

«O Odorico é um grande mestre da lingua portugueza; não sei de quem a maneje melhor, de quem seja mais variado, mais energico, mais conciso do que elle.

Após Filinto ninguem terá levantado um brado tão alto em favor da pureza da linguagem. Esta só diferença ha entre os dois—é que ODORICO METRIFICA COMO UM REI».

.. .

E, entretanto, quem tudo isto foi, quem nunca ambicionará poder, nem gloria ou fortuna; quem recusou os mais altos cargos do Imperio, quem regeitou a Regencia, pagava-se largamente do nunca interrompido remanso da paz d'espirito em que vivia, comprazendo-se dos gózos do lar domestico e de seus autores de eleição. N'isso fazia consistir toda a sua

felicidade; esse, era o limitado horizonte em que descansava os olhos.

E, quem tudo isto foi, que galardões recebeu? Inventariando o pouco que lhe fizeram, sem intervenção sua, eis ao que se reduz—foi deputado á assembléa geral, em duas legislaturas por sua província natal, e em uma pela de Minas-Geraes; deputado á assembléa legislativa provincial do Maranhão, e depois á do Rio de Janeiro; membro do Instituto Histórico e Geográfico Brazileiro, inspector da thesouraria de fazenda desta ultima província, logar em que se aposentou, e, por ultimo, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, por proposta do sabio hellenista, o conselheiro Antonio José Viale, mas cujo diploma nunca recebeu, ou que ficasse detido por desidiao na secretaria da nossa legação em Lisboa, ou que o barão de Itamaracá, por inveja e ciúme que tinha de Odorico, não lh'o en-viasse.

De titulos honoríficos, que outros os tinham em profusão, só possuia elle o de—commendador da ordem de Christo, quando em 1840, por occasião da maioridade do Imperador, foram condecorados todos os inspectores de thesourarias.

A ninguem, no entanto, melhor do que a elle, diz o dr. Antonio Henriques, cabia repetir, com o rosto erguido, aquella celebre phrase de Sheridan:—«Eu podia ser ministro e ter empregos rendosos, se quizesse pertencer ao

partido reptil, que segue seu caminho coleando e rojando-se por terra para depois saltar».

• • •

Tal foi Manuel Odorico Mendes, tal o vulto glorioso, cujos despojos mortaes recolhe o Maranhão, neste momento, com as mostras do mais entranhado affecto a par das mais elevadas honras a que só têm direito os principes do saber humano !

Encerrando estas pallidas e despreten- ciosas linhas, cumpre-nos, á semelhança do que fez a Academia Brazileira de Lettras, apresentar aqui, como brazileiro e como maranhense, ao sr. dr. José Feliciano de Olivera os protestos da nossa maior gratidão, por haver sido elle o primeiro que á custa de esforços tão constantes quanto desinteressados, empregados durante annos, conseguiu localizar o tumulo do nosso egregio patrício no cemiterio londrino de Kensal-Green, e descobrir o paradeiro da parte da sua familia que se tornára franceza pelo casamento de uma sua filha.

E nem fica só nisto a nossa gratidão para com o sr. dr. José Feliciano. Mais longe ainda levou elle a sua accção piedosa,—mandando collocar sobre a relva, de onde tinha desaparecido a lousa, uma lapide com inscripção

commemorativa,—actos estes que despertaram a attenção do publico brazileiro para o poeta, humanista e patriota insigne, sepultado em terra britannica, provocaram o transporte dos seus restos para o solo natal, e deram lugar a essas tocantes homenagens assim prestadas, no paiz e no estrangeiro, á memoria de um dos mais preclaros varões da politica e da intellectualidade brazileira.

. . .

Como complemento a esta ligeira noticia sobre Odorico Mendes, daremos aqui algumas versões da *Eneida*, bem como diversas outras producções suas.

Para demonstrar quanto foi feliz o nosso genial poeta na interpretação das obras de Virgilio, basta que se abra á ventura o seu *Virgilio Brazileiro*, no principio do Livro II, da *Eneida*, por exemplo:

Promptos á escuta, emmudeceram todos  
 Ao passo que exordia o padre Eneas  
 Do tóro excelsa:—Ordenas-me, ó rainha,  
 Renove a dor infanda; o como os Danaos  
 De Ilio a pujança e o reino lamentavel  
 Derrocaram, desgraças que eu vi mesmo  
 E em que fui grande parte.

Confronte-se esta passagem com o original

Conticuere omnes, intentique ora tenebant,  
 Inde toro pater Æneas sic orsus ab alto:  
 Infandum, regina, jubes renovare dolorem,  
 Trojanas ut opes et lamentabile regnum  
 Eruerint Danai; quœque ipse miserrima vidi,  
 Et quorum pars magna fui.

e digam os mestres se a victoria não fica indecisa.

E este verso:

Em que terra, em que mar, onde um refugio ?

(Liv. II pag. 255).

não vence, por ventura, ao latim em concisão, energia, e belleza ?

Heu ! quœ nunc tellus inquit, quœ me œquora possunt

Accipere ?

E este hemistichio que se lhe segue:

Ai ! que me resta ?

que no original virgiliano diz:

...aut quid jam misero mihi denique restat ?

.. .

Das muitas producções suas escolhemos as seguintes:

Desfallece, cás, urra, treme e morre.

Sae Minotauro com feroz bramido  
Pelo intrincado labirintho horrendo,  
Os passos multiplica a Theseu vendo,  
Cego de fome em colera accendido.

Sem perturbar-se o moço destemido,  
Mede o biforme atroz que vem correndo;  
Ariadne bella dentro n'alma tendo,  
Fica ainda mais que elle embravecido.  
Que vae perdel-a, se na luta expira,  
Cheio de ancia e de amor o heroe discorre,  
E esta lembrança mais augmenta a ira :

Em furia o Mínotauro tambem cotre,  
Preme-lhe o peito; o monstro a lingua tira,  
Desfallece, cás, urra, treme e morre !

—E' a seguinte a historia deste soneto:  
Achava-se Odorico Mendes a caminho de Coimbra em 1816. Em sua companhia iam mais dois estudantes brasileiros e outros dois portuguezes. Estes, para se livrarem da troça de certos veteranos que encontraram em uma das estalagens da estrada, foram logo declarando que Odorico era poeta. Convergiram pois todas as attenções para este a quem deram os veteranos, como castigo, o mote acima da

*Marilia de Dirceu.* Inédito, por muitos annos, viu este soneto a luz, pela primeira vez, em 1873, no *Pantheon Maranhense*.

**A S. M. o Sr. D. Pedro II no dia 2 de Dezembro de 1839.**

A quatorzena vez (Brazil, exulta !)  
 O alvo dia volveu que amigo genio  
 Das mãos avaras arrancou do Tempo  
 Apenas reluzia sobre o horizonte,  
 Um porvir despontou de paz e de ordem,  
 A Independencia verdadeira ergueu-se;  
 Nutou em seus projectos a Anarchia,  
 Monstro infecundo, estragador do germen  
 Da nacional grandeza, o influxo estranho  
 Com riso amargo (hypocrita !), o saúda...  
 Filho da America, immortal carreira  
 Traça, Príncipe Augusto; acaba a empreza  
 Que infeliz Pae consolidar não poude !  
 Herdeiro das virtudes que a mãe terna  
 Do peito no sacrario agasalhava,  
 Sê com teu povo compassivo e brando.  
 Já se approxima a inesperada aurora  
 Em que a Lei d'este Imperio magestosa  
 Te convida a reger com braço herculeo  
 O esperançoso americano sceptro :  
 Então, sangue de Reis, não te deslumbe  
 O encanto do poder; ama, aprecia  
 Ser Brazileiro mais que ser Monarca.  
 Vejo o engano sagaz lançar-te a rede :  
 Ah ! não te colha nas traidoras malhas !  
 Pela orla do vaso mel suave  
 Te ministra a Lisonja; o fel da angustia

No fundo jaz. O intento que te anime  
 Seja o firmar teu solio sobre a larga,  
 Do amor do povo, indestructivel base.  
 Rodeia os olhos pelo Imperio immenso.  
 Que vês, que escutas, Principe sublime?  
 O almo terreno por colonos brada;  
 Pede o senhor dos rios que o navegues,  
 Ricas areias os demais te offertam;  
 Querem florestas em baixais trocar-se,  
 Que a fé mantida, o orgulho do estrangeiro.  
 Auri-verde bandeira, alçando abattam.  
 As bellas-artes teu bafejo esperam,  
 E as musas te preparam mil grinaldas;  
 Por desenvolver sob teu mando  
 Arde velcz commericio, industria sabia.  
 No tempo de paz tens de erigir-nos;  
 Neto de Affonsos brandirás a espada  
 Quando nos provocar a guerra insana;  
 Da honra zelador, dos bons costumes,  
 Serás o esteio da abalada crença!...  
 Quem, quem fará, Senhor, prodigios tantos?  
 Teu coração magnanimo, sustendo  
 A liberdade e o throno em laço eterno.

. . .

### Hymno á tarde

. . . . .

Longe dos patrios lares, quem não sente,  
 Os arreboes da tarde contemplando  
 Um subito alvoroço? Então pendiamos

Dos contos arroubados, que vertêrão  
 Propícios deuses nos maternos labios;  
 E branda mão apercebia o berço  
 Em que tenros vagidos assagava,  
 Infausto annuncio de vindouras penas.  
 Sobre o poial sentada, a fiel serva,  
 Que vezes attentei, chamando ao pouso  
 A ave tão util, que arrebanha os filhos,  
 E adeja e canta, e pressuosa acode !

Co'a turba de innocentes companheiros,  
 Agora sobre a encosta da collina,  
 A casta lua como mãe saudavamos,  
 E supplicando que nos fosse amparo  
 Em jubilosa grita o ar rompiamos,  
 Mas da puericia o genio prazenteiro  
 Já transpoz a montanha; e com seus risos  
 Recentes gerações vae bafejando:  
 Aquem ficou a angustia, que moderas.

O' compassiva tarde ! Olha-te o escravo,  
 Sopeia em si os agros pezadumes:  
 Ao som dos ferros o instrumento rude  
 Tange, bem como em Africa adorada,  
 Quando (tão livre !) o filho do deserto  
 Lá te aguardava; e o echo da floresta,  
 Da ave o gorgejo, o trepido regato,  
 Zunindo os ventos, murmurando as sombras,  
 Tudo em cadencia harmonica lhe rouba  
 A alma em magico sonho embevecida.

.....

Oh ! venha a feliz hora que, da patria  
 Nessas fecundas, dilatadas veigas,  
 Tu mais suave a lyra me temperes:  
 Da singela Eponina acompanhando,  
 Na escura gruta que nos cava o tempo,  
 Hei de ao valle ensinar canções mellifluas:  
 Nos lindos olhos, nos mimosos beiços,  
 Nos alvos pomos, no ademan altivo,  
 Irei tomar as côres que retratem  
 Da natureza os íntimos segredos:  
 Do ardor da esposa, do sorrir da filha,  
 Do rio que espontaneo se offerece,

Da terra que dá fructo sem o arado,  
 Da arvore agreste, que na densa grena  
 Abriga da pendente tempestade,  
 A sobreolhar aprenderei haveres,  
 A fazer boa sombra ao peregrino,  
 Ao dar quartel ao errado viandante.  
 Lá estendendo pelos livres ares  
 Longas vistas, nas dobras do futuro,  
 Entreverei o derradeiro dia...  
 Venha; que acha os despojos do homem justo  
 O' esperança, toma-me em teus braços:  
 Com a imagem da patria me consola !

—Composto em Coimbra, longe da patria amada, tudo neste *Hymno* respira recordações saudosas, deixando transluzir, aqui e alli, melancolica saudade da patria ausente.

Se, por muito conhecida, desnecessario se torna reproduzir aqui, por inteiro, esta notabilissima ode; outrotanto não se dá com os trechos acima, porque fielmente retratam o

que ia por essa alma tão candida e tão placida  
onde guarida não tinham as paixões desordenadas, nem havia excesso no entusiasmo  
com que manifestava suas idéas.

### O Sonho

O furacão da morte  
Eutra medonho os campos da existencia,  
Perdoa a seccos troncos  
Leva comsigo florescentes plantas  
Cuidados do colono esperançoso.

Sobre o meu leito pobre  
Se debruça a cruel, fita-me os olhos;  
Um persido sorriso  
Lhe torce os beiços pallidos... já vejo  
As magoas, as saudades da partida,  
Da patria o doce ninho,  
Da mãe (tão terna !) as lagrimas sentidas,  
Dos irmãos, dos amigos,  
O ultimo adeus; e em Lethes ensopado  
O negro manto, que me cubra a campa !

Quão triste a final scena !  
Mas o quadro da vida ainda é mais triste !  
As breves alegrias  
N'um só ponto apparecem mal distintas,  
E sombream lhe o fundo os infortúnios.

No circulo afanoso  
De meus juvenis annos nada tenho

Que agradeça ao destino.  
 Da velhice os pezares me aguardavam!  
 Contente apararei o extremo corte.

—Em algumas collecções, notadamente no *Parnaso Maranhense*, vêm estes versos com o titulo *A Morte*, titulo que bem lhes quadra, pois que foram elles inspirados pelas tristes e pavorosas idéas que, em extremo, o acabrinhavam pela morte da esposa adorada, seguida, não muito depois, da de uma filhinha.

. . .

Sempre a teu mando prompto obedecendo  
 Hei com meu sangue minha fé sellado;  
 Arrostei firme, ouvi desassombrado  
 «Da marcial trovoada o ruido horrendo.»

Hoje que á triste campa vou descendo  
 Queres-me ver, ó patria, deshonrado ?  
 Dás-me este premio, quando nobre e ousado,  
 O ultimo bocejar te voto e rendo !

Ah ! bem que estou no inverno tenebroso,  
 A minha espada é cortadora e forte,  
 O braço duro, o coração brioso !

Mas nem se me permitte, indigna sorte !  
 Que após meu filho intrepido e ditoso  
 Alcance ao menos uma illustre morte.

—Deu causa a estes versos o seguinte facto:—o saber Odorico Mendes que o velho general Manuel Jorge Rodrigues fôra destituído do commando das armas do Pará, pouco depois de haver perdido o filho no campo da honra, em que ambos se haviam briosamente distinguido, batendo-se pela legalidade. Como nos dias da sua mocidade acudiu-lhe juvenil e vigoroso o éstro, e, tomado da maior indignação, e fallando pela boca do general, stigmatizou o poeta no soneto acima tão clamorosa injustiça.

. . .

Partis, adeus amigo, adeus senhora,  
Cá fico um secco tronco em soledade:  
Tam sincera sollicita amizade  
Onde, oh! meu Deus, encontrarei agora?

Tantas finezas cada dia e hora!  
Nas maguas—terno pranto e piedade!...  
O peito se me alaga de saudade,  
O coração de dor suspira e chora.

Sei bem que ides gosar da culta França;  
Que de inimigos alcançando a palma,  
Cumpris vossos desejos e esperança:

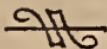
Mas em mim a tristeza não se acalma,  
Esta cruel ausencia, esta mudança,  
Não é morte da vida, é morte d'alma!

—Inspirou este soneto a amizade. Era Odorico Mendes amigo inseparável e extremoso de Paulo Barbosa e sua esposa, residentes em Paris, e em cuja casa e sincera convivencia espalhava suas maguas e abria-se com a franqueza de quem sabia encontrar nellas almas afinadas pela sua, e que lhe faziam esquecer-se das contrariedades e injustiças dos homens.

Assim, sentiu tão dolorosamente o apartamento daquelle ditoso par, que, no dia da despedida, acudiu-lhe ao estro commovido esta poesia aprimorada e correcta, dizem os entendidos, como tudo quanto sahia daquella penna adestrada nas lições dos mestres da antiguidade, como os leitores, por si, melhor já o terão avaliado.

Maranhão, 7 de dezembro de 1913.

*José Ribeiro do Amaral.*



Manuel Odórios Mendes, Representante à Assembleia Geral  
Legislativa.

Faco meu procurador o Sr. Antônio José Guimaraes, para promover  
meber da Junta de Convinda Pública de Maranhão, os contos mil e  
correspondentes ao meu subsídio desde 3 de Maio ate 3 de Junho.  
se nessa faltar alguma clausula, hei-a por declarada.

Rio de Janeiro, 5 de Junho de 1833.

Sua Ex. E. do P. P.

Manuel Odórios Mendes

Nr. 22

Pedro C. M. B. d. T. 5. 6. 1833

# Odorico Mendes

---

A glorificação do grande Virgilio Brazileiro.—A sessão cívica no edifício do Congresso Estadual.—Os discursos do 1.º tenente Magalhães de Almeida e dos drs. Almeida Nunes e Godofredo Vianna.—A trasladação da urna para a praça Odorico Mendes.—A' praça João Lisbôa.—O discurso de Domingos Barboza.—A, rua Grande.—A inauguração da placa na casa n. 11, onde nasceu o sabio hellenista.—Trechos do HYMNO Á TARDE, do traductor de Homero, recitados pela graciosa menina Chrysanthemo Amaral.—A chegada do cortejo.—O discurso do Exm.<sup>º</sup> Sr. Dr. Luiz Domingues.—O recolhimento da urna.—A guarda de honra pelo Corpo Militar.—Notas.

Odorico Mendes, o espírito altaneiro, genio formado para os mais altos vôos, recebeu hontem mais uma consagração da terra em que nasceu. Foi tributo mais que merecido, porque elle, com sua gloria, muito enalteceu a e muito a nobilitou.

Se foi ingratidão deixar-lhe os restos em terra alheia, entregues a alheios cuidados, largamente pagou o Maranhão a sua dívida de meio século, com a apotheose cívica de hontem.

A alma maranhense, despertando ao exemplo dignificador do preclaro Sr. Dr. Luiz Domingues mandando repatriar os despojos do grande hellenista, inteira vibrou e inteira lhe secundou o gesto.

Jamais se apagará da memória de quantos assistiram a essa festa cívica a lembrança do que ella foi e do que ella traduziu, porque todos os seus elementos constitutivos pareciam querer mostrar-se, como se mostraram, dignos della.

O povo maranhense, da mais alta autoridade ao cidadão mais modesto, por todos quantos merecem a honra de aqui ter nascido, rendeu hontem ao glorioso poeta e político maranhense um culto cívico que, se maisinda lhe redoira a memória, muito nobilita aos que o prestaram.

Eram 2 horas da tarde e já começava a encher-se o elegante edifício onde funciona o Poder Legislativo, de cujo seio Odorico alçou o primeiro vôo. O recinto estava bellamente adornado pela casa Macieira, tendo dirigido o serviço o habil empregado da referida casa sr. Manoel Gomes Martins. Na ornamentação se destacavam as côres da República e do Estado.

Ao centro estava a urna sobre uma bem trabalhada herma, ladeada por bandeiras do Maranhão.

Ao fundo via-se rico reposteiro com o escudo do Maranhão, ladeado pelas cores nacionaes, encimado por um trophéu artistico, tendo ao lado mais dois trophéus com a bandeira brazileira.

Pelos lados era a sala ornamentada com apanhados á moderna, em tecido de sêda, e guarnecidos de franjas.

As galerias tambem ostentavam optima decoração.

O cortinado branco, com faixas verde amarellas, dava ás janéllas, onde se viam tambem apanhados de pelucia verdes com franjas doiradas, um bello aspecto.

A sala estava cheia de pessoas gradas.

Em frente ao edificio formava o Corpo Militar, sob o commando do sr. capitão João Pedro Climaco.

A's 3 horas chegou o Exmo. Sr. Dr. Luiz Domingues, benemerito Governador do Estado, acompanhado do seu secretario militar, do coronel Bricio Araujo, d. Francisco de Paula e Silva, drs. Godofredo Vianna e Almeida Nunes, 1.º tenente Magalhães de Almeida, Domingos Barboza e tenente-coronel F. Guapindaia.

As forças estaduaes prestaram continencias a S. Exc., ouvindo-se o Hymno Maranhense.

Logo a seguir, começou a sessão, perante selecta assistencia, presidindo-a o dr. Godofredo Vianna, ladeado pelo 1.º tenente Magalhães de Almeida, dr. Luiz Domingues, dr. Almeida Nunes, sr. bispo diocesano, coronel Bricio Araujo, desembargador Valente de Figueiredo, coronel Collares Moreira, Domingos Barboza, capitão Pinheiro da Silva, 1.º tenente Olympio Goiabeira, José Gomes Murta, filho, o sr. capitão do porto e o director da Escola de Aprendizes Marinheiros.

Levantou-se então o sr. 1.º tenente Magalhães de Almeida, que leu o brilhante discurso infra:

«MINHAS SENHORAS  
SR. DR. GOVERNADOR DO ESTADO.  
SR. DR. GODOFREDO MENDES VIANNA  
MEUS SENHORES.

Primeiro que ao Governo do Estado faça entrega dos restos sagrados do morto illustre cuja memoria nos traz reunidos nesta sessão solemne, permitta V. Exc.<sup>a</sup>, Sr. Dr. Luiz Domingues, que eu lhe agradeça de publico a a honra, insigne, que me conteriu com a incumbencia dessa tarefa, aliás muito grata e muito cara ao meu coração de Maranhense, vaidoso sempre das glórias de seus grandes homens, em culto constante à sua excelsa benemerencia.

Receba também V. Exc.<sup>a</sup> os meus caloros-

sos aplausos pela nobre iniciativa que tomou promovendo a restituição ao solo da Patria dos despojos daquelle que tanto a enalteceu e dignificou.

Não me cabe a mim o relembrar-lhe aqui a justa nomeada de literato notavel e o feitio extraordinario de politico que, acima de todas as conveniencias, collocou sempre a pureza dos principios e os verdadeiros interesses do Paiz.

Basta-me a suprema ventura de o haver conduzido, nos seus restos mortaes, á terra que sobre todas as outras estremeceu e amou.

E, com isso, finda está, Sr. Dr. Governador, a minha missão.

Entrego ao Maranhão, por intermedio de um dos seus mais distintos filhos, o illustre Presidente desta sessão, Sr. Dr. Godofredo Mendes Vianna, o Maranhense querido que por 49 longos annos permaneceu inexplicavelmente longe delle.

Que o Maranhão lhe preste agora, no esplendor desta glorificação, as homenagens a que tem direito pela gloria que lhe deu e pelo alto renome que lhe conquistou.»

Terminando, a banda de musica, que postava na ante sala, tocou o Hymno Nacional. Ouviram-se muitos aplausos.

Falou depois o dr. Almeida Nunes, o illustre cathedratico do Lyceu Maranhense, que disse o seguinte, bello discurso, saudado, ao terminar, com muitas palmas:

«Quarenta e nove annos são decorridos do passamento, em Londres, do insigne traductor de Virgilio e Homero, em verso portuguez.

Tem enfim o Maranhão, que tanto se honra de lhe haver sido o berço, a fortuna e a suprema consolação de o receber nos sagrados despojos de seu corpo, em paga do lustre que lhe deu.

Sabe isto a extremos de mãe carinhosa, a quem a fatalidade da morte inopinada de seu filho em terra estranha, accrescida á dor excruciente de sua perda,—DOLOR SELVAGGIO, IMMOBILE, IMMORTALE—lhe não permitiu o consolo do derradeiro adeus.

Sómente não o recolhe do cemiterio de Kensal-Green, onde jazeu tão dilatado tempo, para uma outra necropole, entre alas de ciprestes e ramos de goivos, ao tocar dos sinos, numa voz de choro.

Não. Ao invez d'isso, leva-o aos compassos vibrantes do hymno da Patria que elle tanto engrandeceu, pelos talentos e virtudes, para a praça publica,—o altar dos grandes homens.

Doravante serão os seus restos aquecidos pelos mesmos raios do sol que lhe acariciou o berço e hoje lhe doira o monumento, que a gratidão dos seus coestadanos lhe erigiu á memoria, á praça de seu nome.

E' uma pequena paga aos seus inestimáveis serviços á Patria, na politica e nas letras,

a satisfacção da sua vontade de ter sepultura entre os seus, tão sentidamente expressa em cartas a amigos e em versos.

Dizia áquelles que era seu maior desejo cerrar os olhos e descansar os ossos onde passara os dias mais felizes e tranquillos de sua trabalhada existencia.

Revêr os sitios, os rios e os bosques; beber no ar purissimo do seu Maranhão viço e robustez.

Ou nos versos :

Longe dos patrios lares quem não sente  
Os arreboés da tarde contemplando  
Um subito alvoroço ?

Feliz de quem em braços dos penates  
Com os olhos de morte carregados  
Adormecer. Só deixa uma lembrança  
E transita do mundo á etherea patria.

Oh venha a feliz hora que da patria  
Nessas fecundas, dilatadas veigas,  
Tu mais suave a lyra me temperes.  
Venha; que acha os despojos do homem justo  
O' esperança toma-me em teus braços;  
Com a imagem da patria me consola.

Assim dizia. Mais cuidais que fosse um timido ?

Ahi, onde o vêdes nos seus restos mortaes, esse homem foi parte conspicua nos maiores successos de nossa patria, naquelle quadra revolucionaria da primeira metade do seculo

passado, quando celebravamos em ruidoso delírio as primeiras festas da liberdade.

Sem exageração, elle argamassou os alícerces do nosso destino.

E pela nossa felicidade, teve nas suas mãos a sorte deste Paiz, que só não se desmantelou em pequenas fracções desnorteadas, pela sua rara abnegação de immolar á unidade da patria os seus mais caros ideaes politicos.

Vêde-o na praça publica, inflexivel no monumento: era assim a rigidez do seu caracter.

Tambem não cuideis que trocasse pela ambição das elevadas posições politicas as castas deleitações da vida literaria.

Busquemos fixar o momento historico de nossa patria em que elle foi, acaso, a personagem mais principal.

Estavamos em fins de 1830 e começos de 1831.

O ministerio liberal Carneiro de Campos teve a ephemera duração de um mez. O paiz, na phrase de Euclides da Cunha, o paiz era in-governavel.

«O baralhamento das idéas principiava a alastrar-se nas ruas em desordens sanguinolentas entre nacionaes e portuguezes».

«Odorico era daquelle pleiade de liberaes que salvou o imperio em 1831, composta de Evaristo da Veiga, Paulá Souza, Vergueiro, Costa Carvalho (Visconde de Monte-Alegre), Limpo de Abreu (Marquez de Abaété), Feijó,

Vasconcellos, Rodrigues Torres (Visconde de Itaborahy).

No «Pharol Paulistano», na «Astréa», com Vergueiro, Feijó, Costa Carvalho; Paula e Souza e João Braulio Muniz; na «Aurora Fluminense», de Evaristo; no recinto do parlamento; em toda a parte, enfim, onde houvesse uma tribuna, o «*Fidus interpres*» de Virgilio era a mais alerta sentinella da honra e da integridade da patria.

Senão quando se funda no paiz a Sociedade das Columnas, ramificada em todas as províncias, com aspirações ao restabelecimento do governo absoluto e surge, tetrica, a tormentosa noite de 13 a 14 de março de 1831, que se denominou das «garrafadas».

«A' vista do sangue derramado pelos portuguezes, que se achavam reunidos em um sobrado e prohibiam o toque do hymno da independencia» não se conteleve o animo do grande patriota.

Era em toda parte, «já nos clubs a dirigil-os e animal-os, já nos quarteis, como emissario do partido de acção, para concertar com os militares os planos do movimento revolucionario».

Attingem os mais arrojados alcantis da eloquencia patriotica e lhe são os louros mais esplendidos da tribuna, as suas formidaveis orações dessa epoca no parlamento, desatando em hymnos á liberdade e á grandeza da patria as prisões da metrica e da rima a que affeiçou o seu espirito dès adolescencia.

Foi tambem de sua lavra «a representação que fizeram os deputados presentes no Rio, ante a inercia da policia em relação áquelles crimes».

O imperador, cada vez mais impopularizado, forma o gabinete exclusivo de senadores, ministerio Paranaguá.

Novos tumultos. O povo exige a reposição do ministerio liberal anterior.

Quando se esperava, diz Joaquim Nabuco, em «Um Estadista do Imperio», quando se esperava do Imperador sómente uma mudança de ministerio ou antes o abandono de uma camarilha suspeita á nação, elle a surprehende profundamente com a abdicação no imperador infante.

Imprevista, nem desejada, era um facto consummado a abdicação.

Na anarchia que se desenfreou, perdida a noção da ordem no estonteamento da primeira impressão, que ainda perdurava, foi por indicação de Odorico que se organizou a regencia interina, composta do Marquez de Caravellas, Brigadeiro Lima e Silva e Campos Vergueiro.

Na eleição regular da regencia Permanente Trina, pelas duas camaras, num largo e generoso gesto de desprendimento, vemo-lo recusar nella a inclusão do seu nome, indicando em seu lugar Braulio Muniz, que foi admittido.

Ainda o vemos afastar de si, na nobreza

do mesmo desinteresse, uma das pastas do primeiro ministerio organizado pela regencia.

Nesta pagina de sua vida elle firmou o mais eloquente testimonho de sua gloria e de sua sinceridade politica.

Sobejamente provou ao paiz que na sua formidavel e intransigente opposição ao imperador, não o movia a impaciencia da ambição, senão o mais intenso liberalismo patriótico e o ardente amor da patria.

Nesse dia e nesse instante elle santificou a sua vida publica.

Em outro passo deste discurso vos disse do caracter de Odorico que tinha a rigidez do bronze. Ides vê-lo.

«Alastravam-se pelo paiz as «Comissões Militares», instituindo um regimen de terror generalizado.

Destacaram-se então em pleno contraste com a subserviencia do senado, que na mesma occasião se congregara,—é o espirito imparcial de Euclides que o diz,—alguns nomes novos predestinados a grafar-se para sempre em nossos fastos; Odorico Mendes, o genial hellenista, para logo se salientara objurgando vehementemente as atrocidades perpetradas no Pará por um almirante mercenario, o repugnante Greenfeld, que, no ultimo lance de sua estranha missão pacificador, trucidara 253 brazileiros em massa dentro nos porões irrespiraveis do navio que commandava.

.....

«O antagonismo entre a opinião nacional e o governo era irremediavel e na legislatura de 1829 subira de ponto».

Bernardo de Vasconcellos, Odorico Mendes e Límpio de Abreu denunciaram os ministros da Guerra e da Justiça como réos da criação inconstitucional das «Comissões Militares.»

Tão notaveis orações do intrepido e incorruptivel homem publico lhe valeram a seguinte interpellação directa do imperador:

«Senhor Odorico, não seja tão inimigo dos meus ministros.»

Sabeis como ao monarca respondeu o intrepido patriota ?

«Senhor, eu lhe sou um subdito muito fiel, mas, quanto às minhas opiniões, hei de sem-preexprimil-as segundo a minha consciencia.»

Ninguem ainda traduziu a dignidade humana em brado de maior eloquencia que, na resposta ao imperante, o conterraneo viril.

Tão diferente do que o vemos depois da victoria, exhortando o povo e a tropa ao perdão para os vencidos, que então eram os portuguezes, na uncção destas palavras:

«Moderação, senhores, moderação; são nossos irmãos».

Que, si era um caracter de bronze, tinha  
um coração de pomba.

Parece que para elle versejou adrede o ge-  
nio poeta:

*De verre pour gemir, d'airain pour resister.*

Depois, mais tarde, deixou a politica, em  
que tantos e tão assignalados serviços prestou  
ao seu paiz, sem outra inspiração mais que  
o ardente amor da patria.

A vida publica foi para o indefesso patrio-  
ta «um peso e uma fadiga».

Desenganado, della sahiu, acaso, sem sau-  
dades, com a só consolação de não haver ma-  
culado durante seu longo percurso, no tracto  
da opinião, no embate das paixões, na collisão  
dos interesses, nem o seu nome, nem a sua  
sinceridade, nem a sua honra, nem as mais  
caras aspirações da primeira mocidade.

Agora, que me perdoem as cinzas sagra-  
das e benemeritas de Odorico.

Sem embargo dos seus tão singulares me-  
recimentos de poeta, sempre me seduziu mais  
que o seu perfil literario, a sua homerica  
feição politica, o lado militante de sua vida.

Que elle, em tantas pugnas que emprehen-  
deu, em todas incarnou a Patria.

Tambem me fica a esperança de que a esse  
homem que, mais que tudo professou o culto  
da verdade, não deve saber mal esta confissão.

Demais elle as prezava por igual, a patria e as letras, e entre ambas repartia a vida.

Mas, si na mesma conta tinha o amor das duas e as estimava com entranhado affecto, ás letras dedicava as entrepausas de sua atormentada e gloriosa vida publica.

Assim «foi no mais acceso das luctas do agitado anno de 1831 que elle fez a traducçao da Mérope, de Voltaire».

Impregnado do dizer de querido condiscípulo e mais tarde famoso escriptor, de que o grego e o latim são necessarios elementos da educação nobre, cêdo se familiarisou nas bellezas dos idiomas da Hellade e do Lacio e na «tarde de seus dias» intentou erigir á gloria dos dois maiores epicos da antiguidade um monumento imperecivel, em verso portuguez.

O poema do «cysne de Mantua» foi então trasladado para as mais puras vozes vernaculas, em versos endecassyllabos.

E de tal modo, que é esta versão tida pela «mais fiel e perfeita de quantas teem feito Virgilio falar a lingua de Camões».

«Não ha um só verso» do poeta «*onore e lume de poetas*», «notavel por alguma belleza, que não se ache trasladado com toda a sua valentia ou graça».

Na derradeira quadra de seus dias esse «bom velho, verde n'alma e nas illusões», tomou a si a traducçao do famoso poema do aèdo de Chio.

## Aquelle

....poema de assombros—céo cortado  
De relampagos—onde a alma potente  
De Homero vive, e vive eternisado  
O espantoso poder da argiva gente

Como nos melhores dias de sua «prima-vera intellectual», trabalhava porfiadamente o infatigavel rhapsodo brazileiro.

Nos segredos do nosso idioma em que ningenmais que elle era versado, perpassaram a gloria de Achilles, as façanhas de Ajax e Ulysses, a pureza intemerata de Andromaca, os funeraes de Heitor, a imploração do majestoso Priamo, a belleza perturbadora da filha de Leda.

Agora, como o que lhe fosse mais grato ao coração e á saudade, eu quizera repetir-lhe uns cantos seus, quando mais não fôra para embalar-lhe o sómno na symphonia luminosa de sua musa olympica, d'aquella musa que lhe vinha espontanea d'alma, como se estivesse sempre a rebentar em versos a alma sonora do rude patriota.

Mas os versos, os versos são a corôa de gloria que elle se entreteceu e redoirou nos derradeiros dias de sua velhice augusta, e não ha desatal-os em joias soltas sem lhe mutilar a aureola.

Senhores.

Eu vol-o disse nos seus feitos e nos seus versos, que não ha separar-se o poeta do patriota.

E elle foi, de feito, o poeta da nossa liberdade.

Volvidos aquelles tormentosos dias do anno de 31, quando a cada um dos companheiros menos illustres de jornada tocava, pelos seus serviços, um logar de honra nos ministerios ou na regencia, elle que os tinha mais que todos, e de maior valia, elle preferiu empunhar a lyra e cantar em hymnos a victoria, a receber com os outros o preço do triumpho.

Deputado, jornalista, orador e poeta—taes são os quilates por onde se ha de aferir da benemerencia e da grandeza do excenso patriota extinto, cujo nome enche a primeira metade do seculo transacto com o ruido de sua fama e o estrepito de sua gloria.

E' este, senhores, o grande homem a quem o Maranhão ainda uma vez rende hoje os mais vivos testimonhos de sua gratidão, nas homenagens que á memoria neste dia lhe presta.

De quantas lhe foram tributadas aos extremos de patriotismo, nos melhores dias de sua fortuna, esta é a que, porventura, mais lhe soubesse ao coração de filho e de maranhense.

Pois que vae emfim ter descanso no solo da Terra que lhe foi berço, o filho que mais fez

pela sua gloria e que mais ardente mente o desejou.

Só me resta agora agradecer-vos a vós, Sr. Governador, haverdes satisfeito a essa tão cara aspiração do grande morto.

Ouviu-se o hymno do Estado.

Com a sua palavra artistica, alindada num acurado estudo dos mestres da lingua, o dr. Godofredo Vianna, ao encerrar a sessão, pronunciou a magnifica allocução que segue:

**Sr. Tenente Magalhães de Almeida.**

O Maranhão recebe com o maior desvane cimento, e reconhecido sobremaneira aos vossos extremos, os preciosos despojos que para entre nós trouxestes, por um gesto nobilissimo, digno dos nossos mais agradecidos louvores, do Exmo. Sr. Dr. Luiz Domingues, preclaro Governador do Estado.

E o faz, minhas senhoras e meus senhores, com o alvoroço incontido e jubiloso de patria carinhosa que abre os braços—diluida já nos esplendores da gloria a côr maguada de sua saudade—para agasalhar em seu seio filho que tanto a dignificou.

Porque esta solemnidade não é uma consagração. Esta festa não tem o fulgor alviçareiro de uma glorificação que se inicia, de uma immortalidade que começa, quando do proprio seio da treva densa da morte irrompe em fortes jorros de luz a gloria imperecivel de um grande homem.

Ha muito se abriu o tumulo para o corpo de Odorico Mendes.

Seu renome ha muito brilha tranquillo, no alto, como essas estrellas radiosamente sereñas cuja suavissima belleza tem o condão de nos attrahir os olhos, sem nenhum exame e sem nenhuma critica, para as profundezas misteriosas dos céus.

Gerações desapparecidas, já muito longe de nós, lhe applaudiram o engenho e celebraram com estrepito a arte poderosa.

Uma surgiu que lhe mandou insculpir no marmore o perfil genial.

A nossa já lhe pagou em bronze perenne o tributo que lhe deviamos, em agradecimento á gloria que nos deu.

Nenhuma, porém, lhe augmentou de um atomo a fama que os seus contemporaneos lhe crearam e transmittiram á posteridade, enchendo-a com o clamor dos seus elogios.

Nós não estamos aqui para com a unanimidade dos nossos votos e o ruido das nossas palmas libertarmos da lei da morte aquelle cujos restos mortaes aqui chegam. A outros coube a fortuna da missão grandiosa.

Mas eu não sei porque, senhores, neste momento se me afigura infinitamente superior á de todas as que passaram a tarefa da geração a que pertencemos.

Odorico Mendes não precisava de louvam-nhas para a conquista ruidosa que obteve.

Houvessem lhe recusado justiça, e o genio

estupendo do poeta e o caracter adamantino do homem publico teriam feito irresistivelmente o seu caminho luminoso para os applausos inevitaveis dos vindoiros.

Mas esta homenagem que lhe prestamos, os seus compatrios de hoje, é sobretudo um gesto de carinho, acto do coração, antes que da intelligencia, que esta, para se illuminar toda e vibrar transportada, mais não precisa que agitar a poeira d'ouro de seus versos imortaes.

O nosso amor de homens cujos olhos se abriram pela primeira vez á mesma luz que os delle, precisava integrar, com esta restituicão, o sólo maranhense.

Por isso, o mandámos vir da terra em que cahiu. Terra digna de lhe possuir os despojos de homem purissimo que foi; terra, como elle, animada sempre por um alto espirito de justica e um largo sopro de liberdade; terra orgulho da Terra e da civilisação, mas enfim terra que não é terra da Patria, que não o viu nos seus impetos insoffridos de moço, nos estos do seu civismo incomparavel, nos seus formosos dias de soberana popularidade.

Não se fez para elle aquella ironia pungente de Machado de Assis: «Os mortos ficam bem onde caem».

Ficam os anonymos, que apenas pedem na

vastidão do planeta sete palmos escassos onde possam apodrecer em silencio.

Ficam os lutadores obscuros da vida, que se somem na sombra, extincto o lampejo fugaz de uma energia transitoria.

Mas aquelle que pelo talento e pelo caracter, num dado momento historico, ennobreceu por seus exemplos a terra que lhe foi berço, nella, e somente nella, deve reposar para sempre «no grande sonno da morte».

Reposar para sempre, para todo o sempre, abrigado no seio generoso da mãe-patria, entre as alegrias e os pesares, entre as miserias e os esplendores, entre os desenganos e as illusões da terra muito amada, que elle tanto elevou pelo seu genio poetico e pelo seu alto valor moral.

Do primeiro, dão perenne e eloquente testemunho as suas traducções de Homero e de Virgilio, com as quaes entrou—hombro a hombro com os epicos sublimes—para a immortalidade e para a gloria.

Porque nesse gigantesco afan de trasladar o idioma do latino incomparavel,

«...DELLI ALTRI POETI ONORE E LUME,  
DI CUI LA FAMA ANCOR NEL MONDO DURA

e do velho extraordinario da Hellade sempternamente gloriosa, para a doce lingua nossa, ha um innegavel poder de creaçao, revelado na scintelha divina da interpretação exacta e

perfeita «dos conceitos, das paixões e dos sentimentos» daquelles m aravilhosos poetas.

Mas, eu quero ceder aqui a palavra ao maior dos vates brazileiros; reproduzir aqui o juizo que a respeito das traducções da Illiada e da Odysséa faz o nosso Gonçalves Dias, o todo—poderoso do verso, o cantor adoravel dos Tymbiras e do Gigante de Pedra:

«Pois esse bom velho (dizia elle em carta ao Dr. Antonio Henriques Leal), verde n'alma, no corpo e nas illusões, levára a tarde de seus dias a trabalhar como o ardor do jornaleiro, que porque quer e por força ha de acabar a tarefa e sente o approximar da noite, e votárase ao estudo e reapprendizagem do grego como uma creança, esae da luta glorioso e triumphador! Lucta grande e maior que grande—homérica.

... A'quella linguagem, filha da patria dos deuses, dessa terra eternamente joven, como a sua Hebe, terra que se abre e de todas as partes se esborda sobre o oceano, como uma flor, para beber todas as brisas e respirar todos os perfumes—oppunha-se a nossa lingua, que, apesar de ter aspirado os odores das florestas virgens da America e de se ter largamente perfumado com as essencias balsamicas do Oriente, resente-se ainda do ciciar do vento nos cabos alcatroados, do gosto penetrante do sal das ondas e daquellas machinas rudes e pesadas que se moviam com a magestade tardia de um elephante a carregar a camilha de uma

princeza, e lançavam enormes balas de pedra para defender as custosas especiarias de Ceylão e de Ormuz! E luctem essas duas linguas: e luctem esses dois poetas!

E luctaram! Através dos seculos os grandes espiritos de Homero acharam um que os comprehendeu; venceram os dois, sem duvida. Mas o arrojo da lucta já não era pequena gloria; e nas alternativas do combate, mesmo o vencido poude colher mais do que uma palma immorredoira».

Não menor victoria, nem menos estrondosa, obteve na luta com o epico latino.

Lances ha, na Eneida, em que se fica sem saber qual dos dois é maior.

O atrevido da idéa e a elegante concisão do mantuano soam no diapasão do brasileiro com um vigor todo novo, uma graça toda nova, no viço esplendente de um pensamento quasi original.

Vêde a descripção do «antro immenso» em que Eolo, o rei,

«preme, encarcela, algema, enfreia, lutantes ventos, roucas tempestades».

Attentae para as palavras e os actos do senhor dos furacões, amollecido pelas supplicas da formosa Juno .

. . . «Que o desejes, basta:

Meu, rainha, é servir-te. Quanto valho  
 Tu m'o grangéas, e este sceptro e Jove;  
 Tu recostar-me á diva mesa outorgas,  
 Ser em tufões potente e em tempestades.

Disse; um revez de conto a cava serra  
 Ao lado impelle: os turbinosos ventos,  
 Feitos num grupo, dado a porta, ruem,  
 As terras varejando. Ao mar carregam,  
 E horrificos revolvem-lhe as entranhas  
 Noto mais Euro e o de borrasca fertil  
 Africo. A's praias vastas ondas rolam.  
 Homens gritam, zunindo a enxarcia ringe,  
 Some-se ao nauta o céo, tolda-se o dia;  
 Pousa no pelago atra noite, os polos  
 Toam, o ether fuzila em crebros raios».

Mas, para que é sacudir entre vós o enxame  
 doirado destes lindos versos, sagrados já  
 pela posteridade, applaudidos com calor pela  
 critica dos competentes?

Nem eu os trouxe aqui como documentação  
 do seu engenho poetico, senão pelo encanto  
 de os recordar e repetir.

Porque o seu valor passou em julgado, e  
 nós outros, como a segadora retardataria da  
 Biblia, apenas pudemos rebuscar, sem lhe  
 accrescentarmos no brilho, uma ou outra flor  
 que se esquivou ás braçadas que outros mais  
 felizes andaram a colher.

Até mesmo o seu feitio inflexivel de ho-

mem publico esculpiu-se definitivamente na Historia.

Resae intemerato nas paginas que seus contemporaneos escreveram e os posteros á unanimidade confirmaram.

E' uma glorificação integra, perfeita, sem uma nodoa a lhe macular o brilho intensissimo.

Odorico Mendes foi a alma mesma da revolução que obrigou D. Pedro I, divorciado dos nobres e liberaes sentimentos que animavam o Paiz, a retirar-se do throno.

Da tribuna da Camara, o genial hellenista, como o denomina a penna fulgurante de Euclides da Cunha, para logo se salientára nas objurgatorias ao crime nefando praticado na noite de 20 de outubro de 1823, na cidade de Belém. «Duzentos e cincuenta e sete brazileiros foram mettidos barbaramente nos porões do navio commandado pelo almirante Greenfeld. Na noite de 20 para 21 deram-se, pela bocca da escotilha, algumas descargas de mosquetaria sobre esses infelizes prezos, incommunicaveis no lugubre calabouço e inteiramente desarmados. E como os tiros dados quasi perpendicularmente não sortissem todo o effeito desejado, fecharam-se as escotilhas para que os que infelizmente não morreram logo das balas, soffressem morte mais horrivel ainda, suffocados pela falta de ar e fumo da polvora. Ao amanhecer do dia 21, desses 257 infelizes apenas estavam semi-vivos 4, que,

parece a Providencia milagrosamente reservara para nos referirem com horror, a ancia, a afflictão com que acabaram seus companheiros».

Odorico não se conteve, e, nos arroubos de sua eloquencia severa e incorruptivel, fez cahir esbraseada a sua alta indignação sobre aquella innominavel crueldade.

«Eu me opponho, dizia elle na sessão de 5 de junho de 1826, a que se deixe ao requerente o cuidado de proseguir nesta causa. Tomemola para nós. Não é uma causa particular: é um crime que offende a nação inteira»..

A vehemencia de suas invectivas culminou quando se quiz fazer effectiva a clausula do tratado de 29 de agosto de 1825, em que se obrigára o Brasil a certas indemnizações para com a metropole. «Nós não comprámos a dinheiro a nossa liberdade. Seria a maior das infamias, de que toda a agua do mar nos não poderia lavar !»

Mais tarde, com Bernardo de Vasconcellos e Limpo de Abreu, «denunciava os ministros da guerra e da justiça como réos da creaçao nefasta das commissões militares», lançando aquella apostrophe violenta que cobria de soberano desprezo o despotismo constitucional : «No Brazil não sei porque fatalidade inexplicável

cavel os annos de sua independencia quasi se podem contar pelo numero de commissões creadas pelo Governo».

E, ainda, quando foi da tormentosa noite das *garrafadas*, a elle se commetteu a feitura da representação dos deputados residentes no Rio, atterrados com a inercia criminosa da policia a soldo de D. Pedro.

E tão grande era a esse tempo o prestigio de Odorico Mendes, que foi ainda elle o eleito pelos liberaes, decididos já á revolução pelas armas, para a conferencia com os officiaes do exercito, os quaes, dominados pelas palavra persuasiva do patriota extreme, para logo assentiram, com entusiasmo, na idéa libertadora.

Pois bem.

Quando rotos os diques da resistencia imperial, a onda revolucionaria, espraiando-se, ameaçava afogar em sangue de portuguêses as ruas do Rio de Janeiro, eil-o a se oppor bravamente á correnteza impetuosa, pedindo em altos brados, das janellas do Quartel General, moderação na victoria, e sacrificando de golpe a sua immensa popularidade em holocausto á vida dos seus inimigos da vespera.

Mais do que isso: immolando as suas convicções de republicano, em bem da Patria ameaçada de esphacelamento pela implantação inopportuna de um regimen para cujas franquias se não achava preparada ainda.

Pois, o homem que assim moldava a nossa

nacionalidade; que lhe traçava com mão tão firme os destinos; que dominára nos acontecimentos politicos de sua época; que no «Argos da Lei», na «Astréa», no «Pharol Paulistano», na «Liga Americana» elevára e honrára a imprensa brazileira, de principio pelo seu desassombro e vigor no ataque e, mais tarde, por suas doutrinas liberaes «professadas com moderação e bom senso», com a serena magestade de um apostolo e inspirado sempre «por um grande e altivo sentimento da dignidade nacional», volvia depois «pobre e contente» á vida privada, desprehando das honrarias que lhe queriam tributar.

Não o seduzira a Regencia, não o tentará a pasta de ministro... «pago e satisfeito de haver atravessado a vida conservando-a imaculada até da menor suspeita que lhe pudesse levemente marear o lustre».

Eis o homem, minhas senhoras e meus senhores, cujos restos mortaes vamos hoje restituir á terra maranhense.

Façamol o elevando o nosso pensamento; d'alma e coração voltados para os nobres sentimentos que o animaram em vida; deslumbados na pureza dos seus exemplos; agradecidos á fama immarcescivel que para nós conquistou e viverá com a nossa lingua e a nossa nacionaldade,

Façamol-o acrisolando o nosso carinho, culminando a nossa veneração, porque só assim dignificaremos a sua memoria—honra e orgulho da nossa terra e da nossa gente:

Novos aplausos se ouviram.

A banda do Estado executou o Hymno Maranhense.

Foi conduzida á mão, pelo Chefe do Estado, pelo coronel Bricio Araujo, desembargador Valente de Figueiredo, dr. Almeida Nunes, capitão Pinheiro da Silva, 1.<sup>º</sup> tenente Magalhães de Almeida, até á porta, a urna contendo os despojos de Odorico Mendes.

Alli foi collocada em uma carreta, ornamentada com muito gosto. Cobria a urna a Bandeira Nacional.

Organizou-se enorme cortejo cívico, em que tomaram parte todos os que assistiram á sessão.

A carreta era puxada pelos Aprendizes Marinheiros.

Ao sahir o cortejo, a força estadual prestou as devidas continencias.

A' frente seguia o corpo de lanceiros, ao som dos clarins.

Ladeavam a carreta as alumnas do Instituto Rosa Nina e da Escola Modelo Benedicto Leite com a sua directora e professoras, D. D. Maria da Glória Parga Nina, Rosa Castro, Herminia Soares, Lucia Macedo, Maria José Fontes e Maria do Carmo Teixeira.

Mais atrás iam S. Exc. o Sr. Dr. Governador e as demais auctoridades e o povo em geral.

Era bello o movimento que se operava á rua do Egypto.

A banda de musica tocava o Hymno do Estado.

Chegando o cortejo á praça João Lisboa, ao confrontar com o lugar onde vae ser erigida a estatua de João Lisboa, assomou á tribuna, alli levantada, o vulto sympathico e insinuante de Domingos Barboza.

Todas as vistas se voltaram para o ardoroso tribuno, cuja palavra arrebata e commove.

Palmas vibrantes o saudaram.

Domingos Barboza começou a falar.

Naquelle momento—disse—em que o Maranhão rendia ultima e devida homenagem aquelle que, com Gonçalves Dias e João Lisboa, constitue a grande trilogia representativa de nosso glorioso passado mental, o'ivia-lhe a alma, mercê de Deus bem maranhense, a mesma grande voz, mysteriosa e dominadora, que se escuta nos grandes dias da patria. E sentia-lhe a alma, nessa voz, toda a docura amoravel e bemfazeja das nossas terras, toda a branca espuma das aguas dos nossos rios, e toda a immensa esmeralda líquida das aguas dos nossos mares. Nella andavam, em aroma e côr, toda a pompa régia das nossas florações sylvestres e toda

a dadivosa abundancia dos pomos d'ouro das nossas arvores. Ameigavam-n'a a pureza extreme, a paz feliz e a hospitalidade beduina dos nossos lares, e o alacre bulicio das nossas escolas, lembrando o hymnario casto dos ninhos, quando vem vindo a luz. Nella passaram os nossos soldados para a gloria das pelejas e os nossos pescadores, esses heroicos e humildes argonautas do pão. Nella palpitavam a nossa farta vida de lavoira, vivida no meio da alegria doirada das seáras loirejantes; a nossa vida de colmeia, vivida nas officinas, ao som dos malhos, cantando nas bigornas o hymno forte e avigorante do trabalho, e a nossa vida das selvas, rindo com o bulicio dos ramos, cantando com os ninhos, abençoando com a lagrima cheirosa das resinas. Nella fulgiam todas as bemditas labutas da nossa vida intellectual e toda a soberana grandeza dos nossos poetas e dos nossos escriptores. Era uma voz druidicamente mysteriosa, feita da voz de sombras que passaram como rosas que emmurcheiram, de actividades que se agitam como corollas que se entreabrem em rimas para o eterno poema aromal da Natureza, e de esperanças que nascem como botões que desbrocham para um risonho amanhã. Porque essa voz, em que se confundiam *berceuses* e marchas guerreiras, segredos de amor e hymnos triumphaes, tinir de gladios e afilar de bandeiras, voz amiga e potente, meiga e soberana,

que canta e tonitrôa, rezando, por mil boccas, o mesmo credo de civismo, era a voz da terra bemdita, fecunda e gloriosa do Maranhão.

Era essa a voz que escutava naquelle momento, em que a terra maranhense, por um gesto nobilissimo e patriotico do seu illustre governador, homenageava a memoria daquelle que recusara governar a patria, na Regencia, sem, porém, poder fugir-se a governal-a pelo talento e pelo saber.

Não fôra somente ingrata indifferença, mas tambem ingratidão criminosa, deixar-lhe longe da terra os restos que para todo o sempre desapparecerão, quando aqui, na terra, lhe vive eterna a fama de poeta e de patriota.

Si Odorico Mendes foi tão altamente digno de ter nascido na Brazilea Athenas, justo erê que o Maranhão se mostrasse, como se mostra terra digna de ser berço do que foi o Virgilio Brazileiro.

Justiça, pois, foi lhe buscarem os despojos de sob um pesado e estranho céu de chumbo para sob o mais formoso dos céus, que brilha sobre a mais amoravel das terras. Justiça trazerem esses restos donde apenas piedosas mãos patricias por sobre elles piedosamente estenderam uma loisa, por confial-os á guarda do proprio monumento de glorias, erguido pelo carinho da mulher maranhense e pelo espirito juvenil do Maranhão. Buscal-os donde nem sequer essas mesmas mãos patricias lhes accendiam um cirio triste, para aqui,

onde eternamente os illuminarão, ora os cirios brancos das estrellas, de luz suave e doce como a sua alma de poétâ, ora a lampada immensa do nosso sol, de luz serena e eterna como a sua gloria.

Bem haja—disse—a Patria que assim premia os que a engrandecem e a glorificam, Bem dita, para todo o sempre bem dita, a terra que, como a Niobe da lenda, rasga o proprio seio, para guardar nelle os despojos daquelle que tanto a engrandeceu e tanto a glorificou.

Recrudesceram os aplausos.

Ouviu-se novamente o Hymno Estadual, proseguinto o cortejo.

A' rua Grande o movimento de povo era intenso.

As janellas estavam apinhadas do que a nossa capital tem de mais escolhido.

Chegando em frente á casa n. 11, onde nasceu o grande poeta, parou o cortejo.

Appareceu à janella a graciosa menina Chrysanthemo Amaral.

Muitas palmas vibraram da multidão.

Recitou ella, com firmeza de voz e dicção muito clara, o seguinte:

### ODORICO MENDES !

E' d'aqui, deste tecto amigo, tão conhecido teu, e já agora tão querido de todos nós, deste

tecto que te viu abrir os olhos á vida e que te ouviu soltar os primeiros vagidos, e que neste momento é testemunha da tua glorificação, é d'aqui que te venho saudar eu em nome da infancia da nossa terra !

Satisfeitos estão os teus desejos, cumprida está a tua ultima vontade: vaes reposar, finalmente, no seio da terra maranhense que tanto amaste, e cujas fundas saudades te inspiraram aquelle *Hymno á tarde*, hora amavel, em que

..... espiram os favonios;  
Transmonta o sol; o rio se espreguiça;  
E a cinzenta alcatifa desdobrando  
Pelas azues diaphanas campinas,  
Na carroça de chumbo assoma a tarde.

Em que

Lasso o colono, mal avista ao longe  
A irmã da noite, côa-lhe nos membros  
Placido allivio; posta a dura enxada,  
Limpa o suor que em bagas vai cahindo.  
Que ventura !

Em que

.... a mulher o espera anciosa  
Co'os filhos em braços; já deslembra  
O homem dos campós a diurna lida:  
Com entrauhas de pai lêdo abençoa  
A progenie gentil que a olho pula.

Hora esta em que

Só quebra esta mudez o pastor simples,  
Que trazendo o rebanho dos pastos,  
Co' a suspirosa flauta ameiga os bosques

Tarde serena e pura que lembranças  
Não nos vens despertar no seio d'alma ?  
Amiga terna, dize-me onde colhes  
O balsamo que espanges nas feridas  
Do coração !

Pois bem, Odorico Mendes, agora não  
mais te atormentarão

Saudades dos patrios lares, não mais sentirás,  
Os arrebóes da tarde contemplando,  
Um subito alvoroço. Não mais.

E' chegada a feliz éra por que tanto sus-  
piravas

Oh ! sim a feliz éra em que, da patria  
Nessas fecundas dilatadas veigas,  
Tu mais suave a lyra retemperes.

Vem ao valle ensinar canções mellifluas:  
Nos lindos olhos, nos mimosos beiços,  
Nos alvos pomos, no ademan altivo,  
Vem tomar as cores que retratem  
Da natureza os intimos segredos:  
Do ardor da esposa; do sorrir da filha;  
Do rio, que espontaneo se offerece;  
Da terra que dá fructo sem arado.

Vem.....

O' esperança, toma-o em teus braços  
Com a imagem da Patria o consola !

Feliz quem pode em braços dos penátes,  
Com os olhos de morte carregados,  
Adormecer. Só deixa uma lembrança,  
E transita do mundo á ethérea patria.

Salve Odorico Mendes !

Depois, o Exm.<sup>o</sup> Sr. Dr. Luiz Domingues desvendou a placa alli collocada, a qual se achava velada pela Bandeira Nacional, ouvindo-se frenética salva de palmas.

Continuou o cortejo, que chegou á praça Odorico Mendes ás 5 horas em ponto.

Ao receber os preciosos despojos, de uma tribuna armada ao lado do busto do immortal patrício, falou o eminentíssimo Chefe do Estado.

S Exc., com a sua palavra limpida, vazada com arte, impressionou a quantos o ouviram, no momento em que a alma maranhense vibrava de amor patriótico, homenageando a memória de um patrício, que foi um dos nossos maiores padrões de gloria.

Povo do Maranhão !

Também eu quero o meu quinhão de glória na justiça d'esta glorificação. E tanto é a elle o meu direito que não me conformo com a recusa, nem me contento com pouco.

Desobriga já era, certamente, de nossa gratidão a Odorico Mendes esse monumento á sua memoria aqui erguido pela OFFICINA DOS NOVOS e pela MULHER MARANHENSE. Pouco, porêm, inda era o muito que lhe fizemos quando mais lhe poderamos fazer, e nada nos perdoava que d'elle, aqui no bronze, a effigie lhe tivessemos quando do corpo, terra estranha ainda os restos lhe retinha.

Era a Inglaterra a feliz depositaria dos sagrados despojos. E ainda bem que a Inglaterra, o sacrario da Liberdade, que lhe foi o sonho de toda a vida, a preoccupação de todo o ser, a inspiradora de toda a gloria. Não nos soffria, porêm, nem o patriotismo nem a gratidão, que ainda a terra a mais livre dêsse o leito derradeiro a quem viveu, falou, lidou, sofreu pelas nossas liberdades e pela independencia e integridade de nossa Patria.

E dize, Povo maranhense, dize si não era agravo á nossa honra que a Europa, até onde chegou, com elle e antes d'elle, o esplendor de sua fama, perguntasse porque a Inglaterra, não o Brasil, acolhia o brasileiro que, no agitado inicio de nossa nacionalidade, praticou o amor da Patria até ao extremo da lucta aberta com o estrangeiro, ainda mesmo amigo e ainda mesmo irmão.

Demais, o regresso ao patrio ninho para o goso da vida na velhice e descanso do corpo alem da morte, foi desejo que, de intenso, sempre os dias lhe consumiu.

Lá, extendendo pelos livres ares  
Longas vistas, nas dobras do futuro  
Entreverei o derradeiro dia.

O sitio em que nasci, o pomar fresco  
Onde a primeira vez amor sorriu-me,  
De tão longe me chamam, me convidam  
Que no patrio regaço vá lançar-me.

Cortou-lhe a morte a vinda no caminho;  
mas dize, Povo maranhense, dize si, no desprezo d'esse voto, deixava a gratidão que em plaga extranha o corpo lhe deixassemos.

E ahi está, Sr. 1.<sup>º</sup> tenente Magalhães de Almeida, porque eu proprio me glorio da in cumbencia, ás vossas mãos commettida e pelo vosso patriotismo tão felizmente executada, da exhumação e trasladação da preciosa reliquia.

E ahi tens, Odorico Mendes, ahi tens porque na tua urna aqui tornaste.

Agora, desce Aguia; recolhe-te ao teu ninho.

Nas alturas a que o genio te elevou, refugirás para sempre na sublimidade de teus feitos e na magestade de teus cantos. Agora, desce que tua terra quer dar-te no seu regaço o beijo eterno do reconhecimento, pela gloria que lhe déste.

Desce, Aguia; recolhe-te ao teu ninho.

O povo applaudiu com frenesi a brilhante allocução do Chefe do executivo.

Então, ao descer a urna, levada por S. Exc., Dr. Anisio Palhano, Tenente Magalhães de Almeida, José Feliciano Moreira de Sousa, major Alexandre Raposo e prof. Ribeiro do Amaral, a força prestou novas continencias ao som do Hymno Estadual.

Desfilou depois em continencias em torno da praça.

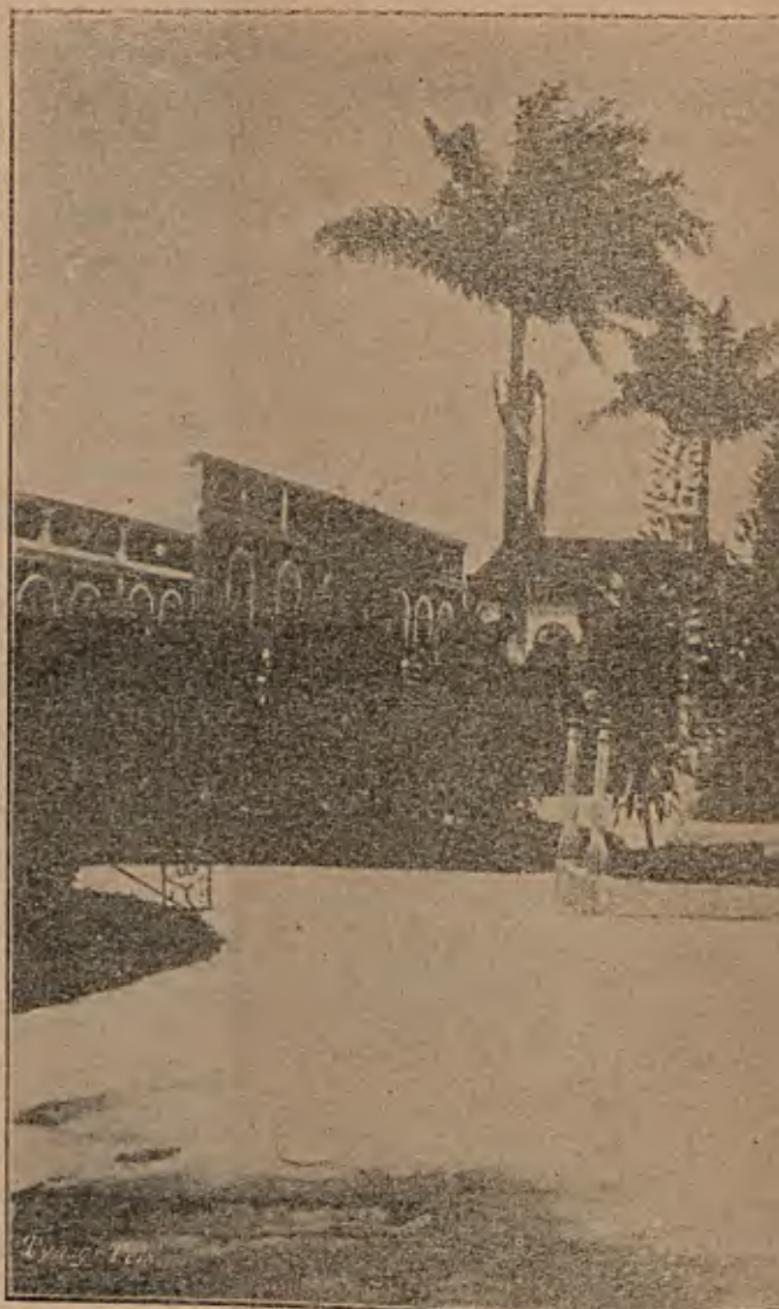
— O Exmo. Sr. Dr. Luiz Domingues collocou sobre a urna linda corôa.

— Depositaram flores naturaes o menino Lauro Domingues e diversos alumnos do Instituto Rosa Nina.

Pela manhã circulou em edição especial, trazendo á primeira pagina o retrato de Odorico Mendes e estudo de sua vida e de sua obra, pelo prof. Ribeiro do Amaral, o *Diario Official*.

— A praça amanheceu embandeirada, pelo systema mais moderno.

Eram os mastros encimados por escudos, pendendo delles cinco bandeirolas; mais em baixo viam-se, tambem, escudos, de todas as nações, destacando-se, ao centro, os dois da União, ladeados por Bandeiras Nacionaes e Estaduaes. Realmente, estava bella a praça por ser a sua ornamentação de todos desconhecida. Os serviços foram entregues á Casa Macieira, que realmente se esmerou em todos elles.



PRA  
No centro ergue-se a herma do genial hellenista, e

—Estiveram presentes á sessão as exmas. sras. d. d. Aureliana Coqueiro Domingues, Sevica Domingues, Antonia Domingues, Juviliana Barreto Vianna, Alice Almeida Nunes, Corina Pecegueiro, Gracinda Jansen, Jesuina Amaral Mattos; senhoritas Eglantine e Alde-nora Pecegueiro, Rosa Machado, Antonietta Domingues, Cotinha Sampaio, Sinhasinha Amaral e Silvina Coqueiro; os srs. Dr. Luiz Domingues e seus secretarios civil e militar; coronel Bricio de Araujo, D. Francisco de Paula e Silva, padre Lemercier, coronel Collares Moreira, capitão Arthur Pinheiro da Silva, commandante do 48.<sup>º</sup> de caçadores, representando o inspector da região; drs. Alcides Pereira e Publio de Mello, tenente Magalhães Almeida, desembargadores Valente de Figueiredo e Lopes da Cunha, dr. Antonio Costa, drs. José Murta, Leoncio Rodrigues, Godofredo Vianna, professores Ribeiro do Amaral, Domingos Machado, Benjamim de Mello, Nascimento Moraes e Antonio Luz; capitão de fragata Mafaldo de Oliveira, capitão-tenente Benjamim Goulart, tenente coronel Fernando Guapindaia, capitães Gusmão Castello Branco, e Eudoro Jansen, coronel Nnno Pinho, drs. Elisabetho Carvalho, Adolpho Domingues, Hermogenes Pinheiro e Joaquim Pinto Franco de Sá; prof. Alfredo Fernandes, Caetano Sá, Manoel Nascimento Serra, tenente Raimundo Goiabeira, Felippe Benicio dos Santos, Boaventura Corrêa, Antonio

Nunes de Oliveira, Eleodoro Castro, Alfredo Teixeira Lopes, Filonilo Teixeira, Francisco de Oliveira Galhanone, Felinto Pinto, Antonio Ribeiro de Lima, tenente Graciliano J. de Medeiros, capitão Pedro Ascenso, tenente Sebastião Albuquerque, José Cantanhede Mattos, Augusto Conti, Gentil Paiva, Raimundo Magalhães, José Hollanda, Raimundo da Silva, Cleomenes Ramos, José Teixéira, Joaquim Francisco Ferreira, José Tirelli, Pedro Gama, José Amaral de Mattos, Francisco E. de Carvalho, tenente João Baptista de Carvalho, Victor Fernandes, José Lopes, João Ferreira Nascimento, José Lobão, René Almeida, Julio Guimarães, João Baptista de Moraes Rego, representando o engenheiro chefe e demais funcionários da Estrada de Ferro; Mechisedek Mavignier, José P. Costa, Alzirô Rocha Santos, Arthur Paraiso, João Abreu, Alcides F. Souza, José Riba-mar Santos Pereira, João Carvalho, Domingos Barboza, João Marinho, João da Matta Ferreira, Raimundo Sá Caldas, João Chrisostomo de Souza, José Meirelles, José Aranha, Ulysses Cavalcante, José Gomes Murta, Aristoteles de Barros Cegadilha, Joaquim José Ribeiro Junior, Antonio R. Galvão, João F. da Costa, José Castro, José Pinto, Antonio Nunes, Raimundo Francisco da Costa, tenente Frederico Frias, Raimundo Nascimento, Joaquim Soeiro de Carvalho, José Aitanite, Comissão do Centro Artístico, composta dos srs. Francisco Aguirres, Nilo Pizon e

Leandro Reis; José Quadros, Waldemiro Coelho, Manuel Aguiar, Conrado Freire, Antonio Frias, Alvaro Caldas, Alfredo Franklin Cabral, Aly Almeida, Feliciano Lisboa, Benedicto Castello, Antonio Araujo, Boaventura Amorim, Luiz Pessôa, José Gonçalves, Francisco Maranhense, Amadeu Aroso, Roberto Gonçalves, Mariano Castro, Antonio S. Fonseca, José M. Carneiro Maia, José Coelho, Francisco Cunha, Elpidio Pereira, Astor Carvalho, Hegesippo Costa, Raimundo Souza, Antonio Santos, Barros Lima, filho, José Moraes, Vertiniano Meirelles, João Goes, Vicente M. Serrão, Antonio Serrão, Julio Lobato, Carlos Coutinho, Manuel Rodrigues Couto, Raimundo de Abreu, Antonio Nunes, Miguel Val, Manuel Carlos de Araujo, José João da Cruz, coronel Raimundo de Freitas, Fernando Bittencourt, José Ferreira Coutinho, Hilídameneu Chaves, Oswaldo Telles, coronel Alexandre Raposo, Virginio Vasconcellos, Reynaldo Cunha, Ignacio Loyola da Silva, José Antonio, Humberto Teixeira, José Antonio Pereira, Manuel Ponciano Peixoto, João da Cruz Nunes, Raimundo Gentil dos Santos, Alberto Serejo, Gregorio Costa, Neuton Nascimento, Almir Cruz, Pedro Paulo dos Santos, Savaldo Caldas, José Burgos, Saturnino Azevedo, José Mariano Pereira, Abelardo Pereira, Abelardo Rocha, Raimundo Porfirio, Pedro Barreto, Leoncio Antonio de Oliveira, Jéronymo Pires, Augusto C. P. de Mello, Manuel

Felippe do Nascimento, Djalma R. Santos, José Monteiro, Antonio Costa, Godofredo Lopes, Henrique Caldeira, José Coutinho, Manuel Ferreira, Henrique Gandra, Antonio Martins, Bélmido Moreira Gandra, Adelson Lopes, Bento Moreira Lima, João dos Santos, Paulo Santos, José Alves de Oliveira, Theophilo José, Cesario Gaspar Vieira, Manoel Coelho Pecegueiro, junior, Manoel Freitas de Oliveira, Raimundo Firmino de Mello, Antonio Solon Machado, Auto Felippe, Olympio Trindade, José Pereira Guimarães, Felippe Thiago Vieira, Marcos Macieira Cavalcanti, Urbano de Souza Martins, Manuel Souza, Miguel Vinhaes, Pedro Alexandrino de Souza, capitão Luiz Gonzaga, Sabino Guimarães, Euclides Faria Cardoso, João Climaco Padi-lha, Affonso Barbosa, dr. Nogueira Coelho; José Manuel Lopes, Maximiano Pereira, Joaquim da Silva Moreira, Bernardo Monteiro, Domingos de Castro Perdigão, Antonio Costa Vieira, Francisco de Oliveira, Adelson Reis, Antonio R. P. Barreiros, José João de Souza, João Caldas, por si e como secretario, representando o delegado fiscal; tenente Elesbão Athayde, Firmino Valente, Julio de Rabut, Hyppolito Neves, Umbelino Mesquita, Edgard Mello de Carvalho, Carlos Alberto Ribeiro, Waldemar Veiga, Albino Soares, Basílio da Silva, José Araujo, Alberto Cunha, Ambrosio Vianna, Salustiano de Faria, Virgilio Silva, Celestino Manuel Santos, Nelson

Junqueira, Leocadio Miranda, Agnello Lago,  
Miguel Lima, Pedro Ribeiro Dantas, Anisio  
de Carvalho Palhano, Augusto Pinho, João  
Lima, João Teixeira e Eydher Pestana, do  
«Diario Official».



